

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGRICULTURA ORGÂNICA

DISSERTAÇÃO

Turismo de Base Comunitária:
A Experiência da Rede Nhandereko na Promoção de
Arranjos Socioprodutivos Comunitários

Augusto Marcos de Oliveira Santiago

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA ORGÂNICA

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA:
A EXPERIÊNCIA DA REDE NHANDEREKO NA
PROMOÇÃO DE ARRANJOS SOCIOPRODUTIVOS
COMUNITÁRIOS**

AUGUSTO MARCOS DE OLIVEIRA SANTIAGO

Sob a Orientação do Professor

Antônio Carlos de Souza Abboud

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Agricultura Orgânica**, no Curso de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica.

Seropédica, RJ

“janeiro de 2024”

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S235t Santiago, Augusto Marcos de Oliveira, 1969-
TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: a experiência da Rede
Nhandereko na promoção de arranjos socioprodutivos
comunitários / Augusto Marcos de Oliveira Santiago. -
Rio de Janeiro, 2024.
100 f.: il.

Orientador: Antônio Carlos de Souza Abboud.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGAO, 2024.

1. Agroecologia. 2. Partilha. 3. Arranjos
socioprodutivos. 4. Desenvolvimento local. I. de
Souza Abboud, Antônio Carlos, 1960-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGAO
III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA ORGÂNICA

AUGUSTO MARCOS DE OLIVEIRA SANTIAGO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre** no Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica, área de concentração em Agricultura Orgânica.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/01/2024

Antonio Carlos de Souza Abboud

Dr. UFRRJ

(Orientador/ Presidente)

Anelise Dias

Dr. UFRRJ

Guilherme de Freitas Ewald Strauch

Dr. EMATER – RJ



DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 13848/2024 - PPGA0 (12.28.01.00.00.00.36)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 22/08/2024 10:48)

ANELISE DIAS

COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO - TITULAR

PPGA0 (12.28.01.00.00.00.36)

Matrícula: ###455#5

(Assinado digitalmente em 22/08/2024 11:14)

ANTONIO CARLOS DE SOUZA ABOUD

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DATS (11.39.00.35)

Matrícula: ###800#4

(Assinado digitalmente em 22/08/2024 12:21)

GUILHERME DE FREITAS EWALD STRAUCH

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.487-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **13848**, ano: **2024**,
tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **22/08/2024** e o código de verificação: **ad55630694**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos povos e comunidades tradicionais do Brasil, que em 2023 permanecem vulneráveis à ganância humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas, povos e comunidades tradicionais que me fizeram mais humano. Ao professor Antônio Carlos de Souza Abboud que me ajudou a concretizar esta dissertação. Agradeço a minha amiga Erika Braz Moço pela parceria nos sonhos. Agradeço aos amigos Dani (Daniele Elias Santos) e Vaguinho (Vagno Martins) pelos aprendizados e confiança nos momentos bons e ruins. Agradeço aos três que me ajudaram a trilhar essa história contada aqui. A Dona Marilda, Robson, Cadinha, Adilça, Álvaro a quem muito admiro. As comunidades quilombolas do Campinho da Independência e Santa Rita do Bracuí; caiçaras de São Gonçalo e Trindade e indígena de Itaxim Mirim (Paraty Mirim) com as quais interage mais intensamente.

BIOGRAFIA

Nasci na cidade do Rio de Janeiro. Foi o convívio com os conhecimentos da minha mãe sobre as plantas e seus usos que primeiro me aproximaram da natureza. Sou neto de agricultores familiares e meu avô foi assassinado por disputas de terra no Espírito Santo. Minha mãe migrou para o Rio, se casou com um homem urbano, mas nunca largou seu gosto pelas plantas. Foi a ela que sempre confiei o cuidado com minhas sementes e mudas mais raras. De meu pai herdei o senso de justiça social e o gosto pela política.

Me formei agrônomo em 1993 e parti para o sul do Maranhão, para trabalhar com os Timbira - o povo do buriti (*Mauritia flexuosa*). Se agregam sob esse nome 5 etnias que habitam as terras do sul do Maranhão e norte do Tocantins – Krahô, Apinajé, Krikati, Kanela e Gavião (*Pykopjê*). Fiz parte de uma equipe com duas missões: identificar alternativas sustentáveis para geração de renda dos Timbira e apoiar a organização dos moradores do entorno das terras indígenas, para que resistissem em suas terras a avassaladora chegada da soja nos gerais de Balsas. Conhecer os indígenas e vivenciar o cerrado era um sonho. Desde então trabalhei em todo o país com comunidades tradicionais e povos indígenas.

Viajei a trabalho por todos estados do norte do país, conheci muitas pequenas cidades e morei na cidade que reconhece três línguas indígenas, além do português, como línguas oficiais. São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, fronteira com Colômbia e Venezuela. Morei em Brasília onde trabalhei no Ministério do Meio Ambiente e em Salvador trabalhando na Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE. Viajando a trabalho tive oportunidade de conhecer gente de fibra nos quatro grandes biomas brasileiros – Cerrado, Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica. Só não estive no Rio Grande do Norte.

Foi depois de vinte anos que voltei ao Rio de Janeiro para morar em Paraty. Já pai de quatro meninas, parei de morar por conta dos trabalhos e agora busco trabalho para seguir morando aqui.

RESUMO

SANTIAGO, Augusto Marcos de Oliveira. **Turismo de base comunitária: a experiência da Rede Nhandereko na promoção de arranjos socioprodutivos comunitários**. 2023. 85p. Dissertação (Mestrado em Agricultura Orgânica). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

O turismo de base comunitária (TBC) tem se mostrado importante ferramenta para a promoção do desenvolvimento local em comunidades tradicionais e camponesas. Sua implementação está baseada na valorização da identidade e cultura local, que são compartilhadas em vivências que para sua realização requerem a articulação de complexos arranjos socioprodutivos locais, envolvendo empreendimentos e trabalhadores. Essa dissertação, executada na forma de um estudo de caso, apresenta experiências do autor como observador participante, em trabalhos realizados junto à Rede Nhandereko de Turismo de Base Comunitária, na cidade de Paraty, no Rio de Janeiro, entre os anos de 2015 e 2023. Seu objetivo foi o de levantar elementos sobre a relevância do TBC para o desenvolvimento socioeconômico da Comunidade Quilombola do Campinho da Independência e descrever a metodologia da Partilha, adaptada e experimentada no período, como estratégia para promoção de arranjos socioprodutivos locais, com governança e protagonismo comunitário. A metodologia da Partilha é uma estratégia de valorização dos saberes locais, promoção de intercâmbio de experiências e desenvolvimento de habilidades de forma participativa. Promovendo a qualificação das estratégias de roteirização e precificação, bem como a validação das iniciativas por outras comunidades parceiras. A metodologia se mostrou capaz de valorizar os vínculos entre as comunidades envolvidas, promover a articulação de uma Rede de iniciativas comunitárias de turismo e, ao mesmo tempo, promover engajamento comunitário interno. O conjunto de ferramentas que compõem essa metodologia, como adotada pela Rede Nhandereko, se mostrou uma estratégia adequada para promover o desenvolvimento econômico e social das comunidades assessoradas.

Palavras-chave: Agroecologia. Partilha. Desenvolvimento local. Arranjos socioprodutivos.

ABSTRACT

SANTIAGO, Augusto Marcos de Oliveira. Community-based tourism. The experience of the Nhandereko Network in promoting socioproductive community arrangements. 2023. 85p. Dissertation (Mestrado em Agricultura Orgânica). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

Community-based tourism (CBT) has proven to be an important tool for promoting local development in traditional and peasant communities. Its implementation is based on the valorization of local identity and culture, which are shared in experiences that, for their realization, require the articulation of complex local socio-productive arrangements, involving unique enterprises and workers. This dissertation, carried out in the form of a case study, presents the author's experiences as a participant observer, in work carried out with the Nhandereko Community-Based Tourism Network, in the city of Paraty, in Rio de Janeiro, between the years 2015 and 2023. Its objective was to raise elements about the relevance of TBC for the socioeconomic development of the Quilombola Community of Campinho da Independência and to describe the Sharing methodology, adapted and experimented in the period, as a strategy for promoting local socio-productive arrangements, with governance and community protagonism. The Sharing methodology is a strategy for valuing local knowledge, promoting the exchange of experiences and developing skills in a participatory manner. Promoting the qualification of routing and pricing strategies, as well as the validation of initiatives by other partner communities. The methodology proved capable of valuing the links between the communities involved, promoting the articulation of a Network of community tourism initiatives and, at the same time, promoting internal community engagement. The set of tools that make up this methodology, as adopted by the Nhandereko Network, proved to be a suitable strategy for use in local communities in order to promote their economic and social development.

Keywords: Community-based tourism. Agroecology. Share. Local development. Local socio-productive arrangements.

LISTA DE ABREVIACOES E SMBOLOS

AARJ	Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro
AMOQC	Associação de Moradores do Quilombo do Campinho
APA	rea de Proteção Ambiental
ATER	Assistência técnica e extensão rural
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econmico e Social
CANVAS	Ferramenta para planejamento de negócios
CAPINA	Cooperação a Projetos de Inspiração Alternativa - ONG
CCA	Construção do Conhecimento Agroecológico
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CNPCT	Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais
DT	Design Thinking
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EVE	Estudo de Viabilidade Econômica
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FCT Ubatuba	Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty, Angra dos Reis e Ubatuba
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FIOTEC	Fundação de Apoio a FIOCRUZ
FOX	Rede de Televisão
GAE	Grupo de Agricultura Ecológica da UFRRJ
Gris	Anciãos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDACO	Instituto de Desenvolvimento e Ao Comunitária

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEA	Instituto Estadual do Ambiente
IPEMA	Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica
ITCP UCSal	Incubadora de Tecnologias de Cooperativas Populares da Universidade Católica de Salvador
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MTUR	Ministério do Turismo
OTSS	Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina
PPG7	Programa de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil
PDA	Projetos Demonstrativos – MMA/PPG7
PESAGRO	Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro
PNAP	Política Nacional de Áreas Protegidas
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
PNSB	Parque Nacional da Serra da Bocaina
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPG7	Programa Piloto de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil
PPGAO	Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica
PRODETAB	Projeto de Apoio ao Desenvolvimento de Tecnologia Agropecuária para o Brasil
REA	Programa de Residência em Engenharia Agrônoma - UFRRJ
Rede Nhandereko	Coletivo de Turismo de Base Comunitária
SBT	Rede de Televisão
SPG	Sistema participativo de garantia
STR	Sindicato de Trabalhadores Rurais
TBC	Turismo de base comunitária
UC	Unidades de Conservação
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP Universidade Estadual Paulista

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Pessoal envolvido nas atividades de TBC realizadas no Quilombo do Campinho da Independência. (FONTE: Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, 2017).

36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama elementos essenciais a Construção do Conhecimento Agroecológico - CCA – COTRIM, 2013	14
Figura 2- Mapa de distribuição das comunidades articuladas ao Fórum de Comunidades Tradicionais, 2015. Fonte: Comunicação OTSS	24
Figura 3 – Cartaz da Partilha 01 - Tema: Qualificando roteiros e empreendimentos. Fonte: Comunicação OTSS	49
Figura 4 - Cartaz da Partilha 02 - TBC e Resistência Cultural. Fonte: Comunicação OTSS.	50
Figura 5 - Cartaz da Partilha 03 - Tema: Das Práticas aos princípios do TBC. Fonte: Comunicação OTSS	51
Figura 6- Cartaz da Partilha 04 - Tema: Construindo identidade e fortalecendo vínculos. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	52
Figura 7 - Cartaz da Partilha 05 - Tema: Construindo identidade e fortalecendo vínculos, 2017. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	53
Figura 8 - Cartaz da Partilha 06 - Tema: Construindo identidade e fortalecendo vínculos. 2017. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	54
Figura 9 - Cartaz da Partilha 07 - Planejamento Estratégico da Rede Nhandereko. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	55
Figura 10 - Cartaz da Partilha 08 - Sustentabilidade Econômica de Roteiros de TBC. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	56
Figura 12 - Diagrama SWOT	86
Figura 13 - Matriz de Planejamento	86
Figura 14 - Design Thiking	87
Figura 15 - Regras para Chuva de Ideias	87

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Pintura corporal - roteiro de TBC - Aldeia Boa Vista. Terra Indígena Boa Vista do Sertão de Promirim, Ubatuba, SP, 2021. Fonte: acervo Rede Nhandereko	4
Foto 2 - Sr. Domingos (in memoriam) - Agricultor agroecológico - Quilombo do Campinho da independência, 2021. Fonte: acervo Rede Nhandereko.	6
Foto 3 - Dona Laura. Roteiro de TBC do Quilombo da Fazenda, Ubatuba, SP, 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	10
Foto 4 - Roteiro do Quilombo de Santa Rita de Bracui, Angra dos Reis, 2016. Fonte: Comunicação OTSS.	23
Foto 5 - Casa de artesanato do Quilombo do Campinho - 2021. Fonte: acervo Rede Nhandereko	24
Foto 6 - Processo de Formação em TBC, Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, RJ, 2016. Fonte: Comunicação OTSS	42
Foto 7- Sebastião, produtor de cachaça na comunidade de São Gonçalo, visita diagnóstica, 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	61
Foto 8- Partilha de TBC na comunidade do Sono, Paraty, 2018. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	62
Foto 9 - Avaliação do roteiro de TBC - Comunidade Caiçara do Sono, 2018. Fonte: Fonte: Acervo Rede Nhandereko.	65
Foto 10- Ana Cláudia Martins, artesã. Coordenadora do roteiro de TBC no Campinho da Independência, Paraty, 2012. Fonte: Acervo Rede Nhandereko	67
Foto 11 - Prato tradicional, roteiro de TBC do Quilombo da Fazenda, Ubatuba, 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Conceitos e metodologias utilizadas como referência para a estruturação das Partilhas	30
Quadro 2- Quadro com etapas da metodologia da Partilha	58

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objetivo geral	3
1.2. Objetivos específicos	3
2. REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1. Iniciativas precursoras da Rede Nhandereko	4
2.1.1. Sistemas de produção com base agroecológica na região de Paraty	6
2.2. O TBC como caminho para o desenvolvimento das comunidades em Paraty	10
3. METODOLOGIA	17
3.1. Contexto	21
3.1.1. A comunidade quilombola do Campinho da Independência	21
3.2. Avaliação da relevância do TBC para a socioeconomia da comunidade quilombola do Campinho da Independência	25
3.3. Apresentação de conceitos e metodologias que amparam a realização das Partilhas	28
3.4. Descrição da metodologia da Partilha como estratégia para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária.	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1. Relevância do TBC para a socioeconomia da comunidade quilombola do Campinho da independência	32
4.2. Conceitos e metodologias que amparam a realização das partilhas	41
4.3. Metodologia da Partilha como estratégia para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária.	57
4.3.1. Planejamento metodológico	58
4.3.2. Visitas diagnósticas	59
4.3.3. Assessoria a estruturação de um roteiro de TBC	61
4.3.4. A realização do roteiro teste	64
4.3.5. Criação de repertório de comunicação	66
4.3.6. Qualificação temática	67
5. CONCLUSÕES	68
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS (OPCIONAL)	71
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
8. ANEXOS	78
8.1. Anexo 01 – Capas e Título de Documentos de Projetos e Relatórios Elaborados pelo Autor.	78
8.2. Anexo 02 – Ferramentas Visuais de Planejamento	85

1. INTRODUÇÃO

Essa dissertação apresenta experiências do autor, em trabalhos realizados junto à Rede Nhandereko de Turismo de Base Comunitária. Período em que participou como assessor técnico da consolidação da metodologia da Partilha, como estratégia de fortalecimento das práticas de TBC das comunidades tradicionais articuladas à Rede.

O envolvimento com as iniciativas turísticas comunitárias na região se deu a partir de uma consultoria voltada à análise da viabilidade socioeconômica do restaurante comunitário da comunidade Quilombola do Campinho da Independência, no município de Paraty (RJ), realizada pelo autor em meados de 2015.

Os resultados desse primeiro trabalho resultaram em uma aproximação do autor com as atividades desenvolvidas pelo Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty, Angra dos Reis e Ubatuba - FCT. O Fórum é uma articulação política que agrega comunidades tradicionais e povos indígenas desses municípios em torno da defesa de seus territórios, sua cultura e seus modos de vida. Busca também ampliar a qualidade de vida das famílias e consolidar alternativas de geração de trabalho e renda dentro dos territórios.

O turismo de base comunitária tem se mostrado importante ferramenta para a promoção do desenvolvimento local em comunidades tradicionais e camponesas da Baía da Ilha Grande. Sua implementação está baseada na valorização da identidade e cultura locais, compartilhadas em vivências, requerendo a articulação de arranjos socioprodutivos e envolvendo empreendimentos singulares e participação de grande número de trabalhadores. Não obstante não existem estratégias consolidadas para o fortalecimento da atividade

Os trabalhos iniciados em 2015 consolidaram uma parceria contínua ao longo dos anos seguintes. Inicialmente, ao longo do primeiro semestre de 2016, o trabalho esteve focado na elaboração de um diagnóstico mais geral das iniciativas de turismo de base comunitária realizadas em comunidades articuladas ao FCT, envolvendo doze comunidades dos três municípios citados. A economia da região tem no turismo seu principal vetor de desenvolvimento e o diagnóstico identificou o grande potencial das iniciativas comunitárias, bem como suas fragilidades.

Os trabalhos desenvolvidos em 2016 foram realizados no âmbito do projeto Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina - OTSS¹, implementado pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ em parceria com o Fórum de Comunidades Tradicionais, no qual o autor atuou como bolsista. De posse do panorama de informações levantados nessa primeira etapa estabelecemos como prioridade aprofundar o conhecimento sobre a experiência desenvolvida na comunidade Quilombola do Campinho da Independência e pensar estratégias para realizar intercâmbios de experiências entre as comunidades.

A experiência de TBC do Campinho da Independência já era reconhecida como referência para as demais comunidades, mas o trabalho de diagnóstico e assessoria deu visibilidade a relevância do TBC para a socioeconomia local, reforçando o potencial do TBC como estratégia a ser utilizada para o desenvolvimento socioeconômico das outras comunidades.

A mobilização das comunidades e os encontros, para além do intercâmbio de experiência, tinham como propósito promover o debate e o nivelamento sobre o conceito de turismo de base comunitária. O trabalho resultou na articulação de um coletivo interessado em se aprofundar no tema e deu início às experimentações em torno da estruturação de uma metodologia participativa voltada à partilha de experiências em turismo e a qualificação dos roteiros.

A partir de 2017, com o fim das bolsas de estudo da equipe de assessores e do recurso para as atividades, a continuidade do trabalho se deu por meio da captação de recursos de pequenos projetos voltados ao fortalecimento desse coletivo de TBC que vinha se estruturando. Até 2023 quatro pequenos projetos viabilizaram o trabalho que buscava aprofundar os vínculos entre as comunidades, identificar e adaptar metodologias para o fortalecimento das atividades de turismo de base comunitária, a partir das experiências concretas já implementadas na região.

¹ O projeto OTSS tem como objetivo o desenvolvimento de estratégias que promovam a sustentabilidade, saúde e direitos para comunidades tradicionais. Mais detalhes podem ser encontrados em - <https://www.otss.org.br/>

Foi nesse período que se estruturou a Rede Nhandereko de turismo de base comunitária. O nome escolhido para a Rede nas oficinas com participação de comunitários caiçaras, quilombolas e indígenas, vem da língua Guarani MBya e significa “nosso modo de ser”. No ano de 2018, após a realização de um conjunto de partilhas, a rede estruturou sua carta de princípios, onde busca definir seu entendimento sobre o conceito de turismo de base comunitária.

A disseminação para outras comunidades, do conjunto de conceitos e metodologias utilizadas para mobilizar arranjos socioprodutivos comunitários, protagonizados e geridos localmente, motivou a realização desta dissertação que pretende descrever, na forma de estudo de caso, o processo de adaptação e implementação de metodologias de formação para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária no município de Paraty e região.

1.1. Objetivo geral

O objetivo geral da dissertação é descrever a partir da experiência adquirida, o processo de adaptação e implementação de metodologias de formação para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária no município de Paraty e região, entre os anos de 2016 e 2019

Para atingir o referido objetivo geral adotamos o seguinte itinerário, com os seguintes objetivos específicos:

1.2. Objetivos específicos

Objetivo específico 01 – Avaliar a relevância do TBC para a socioeconomia da comunidade Quilombola do Campinho da independência

Objetivo específico 2 – Apresentar conceitos e metodologias que amparam a realização das Partilhas

Objetivo específico 03 - Descrever a metodologia da Partilha como estratégia para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Iniciativas precursoras da Rede Nhandereko



Foto 1- Pintura corporal - roteiro de TBC - Aldeia Boa Vista. Terra Indígena Boa Vista do Sertão de Promirim, Ubatuba, SP, 2021. Fonte: acervo Rede Nhandereko

A retomada do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Paraty, em meados dos anos oitenta, foi uma das primeiras iniciativas conjuntas de comunidades locais em busca de seus direitos. As comunidades vinham resistindo contra a expropriação de suas terras desde os anos cinquenta, quando o processo de grilagem se intensificou com a reabertura da estrada Paraty-Cunha e é acelerado a partir da construção da rodovia Rio Santos (BR-101), finalizada em 1973. A construção da rodovia e os empreendimentos que a sucederam na região mobilizaram forças políticas e econômicas que cooptaram lideranças dos trabalhadores contra as comunidades em processos de grilagem. Feitosa (2006), entre outros autores, aprofunda essa análise e detalha a articulação realizada para a defesa dos comunitários, até então não diferenciados em suas distintas identidades, todos eram apenas posseiros. (FEITOSA, 2006)

Desde então, a luta pelo reconhecimento da posse de suas terras segue mobilizando esforços de boa parte das comunidades que ainda não têm pleno direito aos territórios que ocupam. A luta pela permanência na terra também implica em estabelecer e fortalecer práticas voltadas à manutenção das atividades econômicas das comunidades, primeiro reprimidas pelos grileiros e, posteriormente, pelo estado com advento das unidades de conservação e novas regras voltadas à conservação da Mata Atlântica. As restrições à implantação de roças tradicionais impulsionaram a adaptação a sistemas mais sustentáveis e a busca por outras atividades, notadamente o turismo. A participação nas dinâmicas das Comunidades Eclesiais de Base forneceu alicerce para o desenvolvimento da agroecologia, fortaleceu as atividades de produção com base na diversidade e conhecimento local, que prepararam o terreno para a valorização da cultura local e resgate da autoestima, base para as iniciativas de Turismo de Base Comunitária.

Uma das estratégias encontradas pelos moradores das comunidades tradicionais de Paraty e, também de municípios vizinhos, frente às diversas e constantes ameaças aos seus territórios, foi ampliar a articulação entre as comunidades a partir dos anos 2000, que culminou com a criação, em 2007, do Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba – FCT. Essa iniciativa surge articulada a um movimento maior que leva a criação, em 2006, da Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT, instância que fortalece e articula as diversidades de reivindicações, traz legitimidade e respaldo às representações de comunidades tradicionais e fomenta o surgimento de articulações regionais em todo o Brasil.

A criação do Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas - PNAP, em 2006, colabora com a ampliação da noção de proteção ao propor uma visão mais ampla e articulada de proteção envolvendo não só unidades de conservação, mas também outras áreas sujeitas a regime especial de proteção como as terras indígenas e os territórios quilombolas. A participação das comunidades tradicionais e o reconhecimento do seu protagonismo passa a ser relevante a partir da criação de espaços para o diálogo entre os diversos atores envolvidos na gestão de áreas protegidas, denominados de mosaicos. Em Paraty, a partir de 2006 a criação do Mosaico da Bocaina, pelo Ministério do Meio Ambiente, abre espaço para a interlocução direta das comunidades com as unidades de conservação, a partir da representação do FCT.

Da mesma forma a participação nos conselhos dessas unidades. Nesse campo se destaca o Conselho da APA de Cairuçu - CONAPA, espaço que, a partir de 2014, passou a investir no diálogo e dar voz às comunidades. Estes espaços de diálogo constroem uma interlocução mais positiva entre atores interessados no desenvolvimento sustentável da região.

Em 2022 o reconhecimento de Paraty como Patrimônio Cultural e Natural mundial da UNESCO incorpora a cultura dos povos e comunidades tradicionais como elemento chave para a manutenção viva da cultura associada à biodiversidade e às belezas naturais da região. Reconhecendo também, o centro histórico e outros sítios arqueológicos como testemunhos culturais.

As restrições às práticas tradicionais, especialmente a agricultura, impulsiona o turismo em territórios tradicionais como alternativa de renda para as famílias. Recentemente, a organização e resistência das comunidades gestaram iniciativas turísticas locais com muitos impactos positivos sobre sua qualidade de vida.

2.1.1. Sistemas de produção com base agroecológica na região de Paraty



Foto 2 - Sr. Domingos (in memoriam) - Agricultor agroecológico - Quilombo do Campinho da independência, 2021. Fonte: acervo Rede Nhandereko.

O olhar sobre a diversidade social e a valorização dos conhecimentos locais, com participação dos comunitários na construção de um projeto próprio de desenvolvimento, ganha força no litoral sul fluminense a partir do final dos anos 80. Período em que se desenvolveram na região iniciativas que hoje estão incluídas em propostas reconhecidas como agroecológicas. Esse processo de empoderamento foi precursor das iniciativas de TBC, pois trabalharam a autoestima e a identidade camponesa, posteriormente aprofundada em processos singulares junto aos diferentes segmentos populacionais na busca pelo reconhecimento de suas especificidades como povos indígenas e tradicionais – quilombolas e caiçaras.

Segundo Mattos (2011), três assentamentos organizados pelo INCRA despontam como principais áreas de agricultura familiar na região de Paraty. Além dos assentamentos de reforma agrária, outras áreas rurais, compostas por comunidades tradicionais, merecem destaque na região: as comunidades indígenas Guarani da aldeia Itaxi Mirim e aldeia Araponga; as comunidades caiçaras da Juatinga, incluindo o Saco do Mamanguá e do Quilombo do Campinho da Independência. Todas elas voltadas à agricultura tradicional de subsistência e ao artesanato (MATTOS, 2011).

Estudos feitos sobre a região em questão (STRAUCH, 2020) e a forma da resistência proporcionada pela agroecologia (TOLEDO, 1993) demonstra o modo como os agricultores se apropriam dos recursos naturais com base numa racionalidade ecológica, como estratégias de reprodução social e de permanência no território. Há na região diversos sistemas agroflorestais manejados por dezenas de agricultores familiares e comunidades tradicionais que contribuem para a manutenção dos recursos naturais (solo, água, biodiversidade), para o fornecimento variado de alimentos e demais produtos agrícolas e florestais, tanto para a própria unidade familiar como para venda ao mercado local (STRAUCH, 2015).

Da mesma forma os inúmeros quintais produtivos, sítios de ampla agrobiodiversidade e, ainda, o manejo ecológico da palmeira juçara para obtenção dos frutos para produção de polpa (STRAUCH, 2020) permitem as condições objetivas de manutenção dessa identidade camponesa em comunidades localizadas em Paraty.

Os cultivos de pupunha (*Bactris gasipaes*) e açai (*Euterpe oleracea*) iniciaram na região no final da década de 1990, por meio dos projetos do Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária (IDACO), organização não governamental (ONG) que atuava na região sul-fluminense. Mas só teve impulso a partir do ano de 1999 com a atuação da Secretaria Municipal

de Agricultura de Paraty, em convênio com o Programa de Residência em Engenharia Agrônômica, do Instituto de Agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - REA/UFRRJ (MATTOS, 2011).

Segundo os agricultores entrevistados por Mattos (2011), a partir do final do ano de 2001, o IDACO, a EMBRAPA Agrobiologia e o Departamento de Silvicultura do Instituto de Florestas da UFRRJ executaram o Projeto - Desenvolvimento de Sistemas Alternativos para a Recuperação de Áreas Degradadas e Geração de Renda em Comunidades Tradicionais do Entorno de Unidades de Conservação da Mata Atlântica, com implantação de unidades experimentais de SAF's nas comunidades do Campinho, Patrimônio, São Roque, Taquari e Mato Dentro. O projeto PRODETAB PARATY, como era identificado na região pelos agricultores e pelas entidades executoras, tinha como objetivo o desenvolvimento de tecnologias para a recuperação de áreas degradadas através do uso sustentável do solo e dos recursos florestais em áreas de agricultura familiar. Para isto, pretendia desenvolver alternativas sustentáveis de produção e de geração de renda para comunidades tradicionais através de sistemas agrossilviculturais, enriquecimento produtivo de capoeiras e processamento comunitário da produção agroflorestal e das sementes florestais e de adubos verdes (MATTOS, 2011).

As implantações destas unidades experimentais, em janeiro e março de 2003 em cinco propriedades rurais de agricultores familiares, que já vinham participando do processo de práticas agroecológicas, foram efetuadas em mutirão com a presença de agricultores e a colaboração do Grupo de Agricultura Ecológica – GAE, composto por alunos da UFRRJ (MATTOS, 2011).

No ano de 2004, em comemoração aos primeiros cinco anos de práticas agroflorestais na região, aconteceu a primeira vivência agroflorestal, promovida pelo agricultor familiar e multiplicador José Ferreira e sua família (MATTOS, 2011).

O projeto “Desenvolvimento Participativo Sustentável das Comunidades Rurais de Paraty” financiado em 2005 pelo Programa de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil – PPG7, Subprograma Projetos Demonstrativos - PDA Mata Atlântica, foi estratégico para a continuidade do processo, pois ampliou a adoção de práticas agroflorestais, contribuiu para o fortalecimento das organizações comunitárias locais e regionais como instrumentos de representatividade e/ou participação dos agricultores familiares na definição das políticas

públicas. E trouxe novas excursões de intercâmbio e troca de experiências - além de plantios de agrofloresta com novos agricultores familiares identificados (GOLLO, et al 2014). g

No período de 2007 a 2010, o projeto “Protagonismo Juvenil no Fortalecimento das Comunidades Quilombolas e Promoção da Palmeira Juçara” realizado pela AMOQC - e pelo Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA), também apoiado pelo subprograma PDA-Mata Atlântica, com recursos do Ministério do Meio Ambiente, fortalece o potencial local para o uso sustentável da palmeira (*Euterpe edulis*) e a participação dos jovens das comunidades tradicionais. Com estes projetos, há a adesão de novos agricultores ao grupo de agroecologia de Paraty.

O ano de 2007 é marcado por várias iniciativas: (a) criação do Fórum das Comunidades Tradicionais - FCT; (b) implantação do viveiro de produção de mudas na comunidade do Campinho; (c) inserção do grupo de agricultores agroecológicos de Paraty na Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro – AARJ; e (d) realização da segunda visita de intercâmbio de experiências à região do Vale do Ribeira/SP, organizada pelo PDA, que enfocou, além das práticas agroflorestais, as experiências de manejo sustentável dos recursos florestais por comunidades tradicionais (GOLLO, et al 2014).

O Turismo de Base Comunitária aparece pela primeira vez citado na dissertação de Mattos, como *estratégia associada ao desenvolvimento da cadeia de produtos agroecológicos*. Segundo ele “outras apropriações dos agricultores de Paraty são próprias da criatividade camponesa e têm gerado uma renda extra”. As seguintes iniciativas foram identificadas nas entrevistas: a vivência agroflorestal e o agroecoturismo; o cafezal sombreado; o turismo de base comunitária; o cultivo de espécies vegetais para o artesanato local; o resgate, a preservação e a valorização da juçara e da sua polpa; a gastronomia sustentável; a cachaça com sabores de essências florestais; a produção de mudas nativas e exóticas de palmáceas (pupunha, açaí, juçara, palmeira real), frutíferas (cupuaçu, graviola, pinha, araçá-boi etc.) e o beneficiamento dos produtos (polpa de juçara e açaí, conservas de frutas, produção de doce, farinha do fruto da pupunha etc.) (MATTOS, 2011).

Este autor relata a tendência que vem se fortalecido desde então no Quilombo do Campinho: “para os agricultores desta comunidade, a venda dos produtos tem sido estrategicamente feita para o restaurante comunitário, a fim de atender também as diversas visitas que recebem de turistas. Na comunidade do Campinho, o roteiro ecoturístico de base

comunitária passa pelas áreas agrofloretais e pela Casa do Artesanato da comunidade” (MATTOS, 2011).

Segundo Daniele Elias Santos, liderança do Quilombo do Campinho da Independência, presidente da associação de moradores da comunidade (AMOQC) e coordenadora da Rede Nhandereko de TBC, “a agrofloresta foi uma das primeiras coisas a trazer o turista” (MATTOS, 2011).

2.2.O TBC como caminho para o desenvolvimento das comunidades em Paraty



Foto 3 - Dona Laura. Roteiro de TBC do Quilombo da Fazenda, Ubatuba, SP, 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

O projeto “Caiçaras, Indígenas e Quilombolas: construindo juntos o turismo cultural da região da Costa Verde” – Convênio 701345/2008/MTUR, realizado a partir de 2008, é a primeira iniciativa de capacitação em turismo de base comunitária envolvendo comunidades tradicionais da região, com ênfase na conscientização sobre si mesmos e sua realidade social. O Projeto busca caracterizar a realidade; ampliar referenciais; experimentar; refletir e aprender.

A paisagem natural desde cedo foi um dos principais ativos no turismo em Paraty, seja pela beleza cênica seja pela possibilidade de capitalização dos atrativos: mar, praias, cachoeiras. Neste modelo, os espaços para comunidades rurais locais seriam restritos à venda de serviços pouco especializados e de baixa remuneração.

As restrições aos meios de vida mais tradicionais na área rural - agricultura, pesca - operadas pela especulação imobiliária, pela legislação e mesmo pela expulsão de comunidades inteiras (grilagem), disponibiliza mão de obra para a crescente economia do turismo em Paraty. A prestação de serviços na cadeia do turismo, muitas vezes em tempo parcial, proporciona aos agricultores que não tiveram suas terras expropriadas, o desenvolvimento de habilidades e o surgimento de iniciativas locais, na carona de empreendimentos empresariais, usando as mesmas estratégias e capitalizando sobre os atrativos naturais.

Uma parte daqueles trabalhadores que ainda dispõem de terra luta por manter a agricultura como atividade econômica principal das famílias, resistindo à mudança no uso do solo. Outros vendem seu serviço no mercado do turismo. Um terceiro grupo se dedica às duas atividades em regime parcial de trabalho. São esses indivíduos que, capitalizados pelo trabalho junto a restaurantes, pousadas, agências de viagens ou como caseiros, desenvolvem seus pequenos empreendimentos turísticos.

Mattos cita iniciativas relacionadas a este processo de assimilação da cadeia turística como atividade das comunidades em Paraty e verifica similaridades com a realidade camponesa, como descrita por Ploeg. Segundo aquele autor, o processo de receber visitas, seja de turistas, de outros agricultores e estudantes, proporcionou uma nova fonte de renda para seis agricultores entrevistados. Nestas famílias, a renda é gerada pela venda da sua produção, in natura ou beneficiada, e pelo pagamento de hospedagem ou de alimentação. (MATTOS, 2011).

O Turismo de Base Comunitária surge como uma possibilidade de caracterização das práticas de turismo adotadas pelas comunidades locais em Paraty, uma década após as primeiras experiências comunitárias com turismo. As limitações das práticas produtivas tradicionais, notadamente a produção agrícola, e das demandas de mercado, impulsionam uma série de empreendimentos articulados na cadeia turística, nesse período.

O artesanato foi fundamental para a identificação do valor dos conhecimentos locais como ativos para interlocução com os turistas. Da mesma forma, a gastronomia propiciou a

valorização das práticas tradicionais a partir da oferta de alimentos não convencionais. Foi a partir da prática desse turismo diferenciado e de seu engajamento nas redes de agroecologia que as comunidades passam a ter contato com os princípios do turismo de base comunitária.

As práticas turísticas na região se fortalecem a partir do contato das comunidades com o conceito de TBC. As experiências anteriores, adquiridas ao longo das diversas lutas comunitárias fortaleceram a busca pelo desenvolvimento de um conceito próprio de TBC. A estratégia política de preservação do território, através do turismo comunitário, aparece como um fator central para o movimento indígena e rural (na América Latina) que o entendia como uma oportunidade de incorporação de suas atividades ao processo de globalização de uma forma pensada por eles mesmos (HOLANA, 2016).

O TBC busca resgatar e promover os conhecimentos locais e as interações cotidianas das comunidades com o ambiente e seu entorno. Neste sentido, o maior ativo é o seu modo de vida. Sua prática é absolutamente revolucionária ao prescrever um método que propõe minimizar as mudanças para organizar seus roteiros, em diametral contraposição ao modelo de turismo de massa que busca exclusivamente estruturar um ambiente especialmente pensado para o turista (MONTEIRO, 2015b). A Rede de TBC irradiada a partir de Paraty, busca consolidar este conceito. Seu nome – Nhandereko, que em Guarani significa nosso modo de ser, reforça justamente isso. E coloca as comunidades como sujeitos ativos desse processo. Tirando-os da passividade junto aos empreendimentos de turismo de massa – onde a cultura e toda a construção dessas comunidades são tratadas como objetos de mercado desse turismo massivo.

Diversos autores elencam as similaridades entre iniciativas de TBC, como estratégia para delimitar seu conceito a partir das práticas comunitárias. Apesar da heterogeneidade das experiências de TBC decorrentes da peculiaridade da história das comunidades, dos diferentes tipos de território onde elas ocorrem (urbano, rural, litoral, áreas protegidas) e da natureza política das organizações que viabilizam tais experiências (organizações não governamentais e universidades), há princípios comuns entre elas, como discutido por diversos autores: autogestão; associativismo e cooperativismo; apropriação pela comunidade dos benefícios advindos da atividade turística; valorização do patrimônio natural e cultural local, resistência ao turismo de massa e, sobretudo, o protagonismo das comunidades locais (BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, 2009; CONTI; IRVING, 2014; HOLANA, 2016).

Como identificado por Sansolo e Bursztyn (2009, p. 158) na região, uma das lições extraídas é que turismo comunitário não representa apenas mais um segmento do mercado turístico e, sim, a possibilidade de um novo paradigma para o turismo assentado nas relações de hospitalidade, intercâmbio cultural e deslocamento do centro de referência do viajante para encontrar o outro (BARTHOLO; SANZOLO; BURSZTYN, 2009). Outra lição tirada é que o modo de vida local é a principal motivação da visita, sendo isso o que atrai o turista (SAMPAIO; ALVES; FALK, 2008)

A participação nos processos de resistência e a construção do conhecimento agroecológico na região foram fundamentais na autoestima e promoção de habilidades necessárias à articulação entre as diversas cadeias produtivas internas às comunidades, com respeito às gerações, cultura e valorizando sua permanência no território. O processo de construção do protagonismo comunitário, do resgate de suas lutas e valorização das práticas tradicionais construiu as bases para avançar para o TBC. Esse processo permitiu a estruturação dos primeiros roteiros e sua construção conceitual.

A Construção do Conhecimento Agroecológico (Figura 1) é um processo que consiste inicialmente, em realizar diagnósticos e em seguida qualificar e apoiar os momentos de troca de conhecimentos entre agentes envolvidos, após ter sido feita a sistematização da experiência a ser visitada. Como nos descreve Galvão, o diagnóstico deve ser construído por meio de processos coletivos de descrição e análise crítica da trajetória de inovação da família ou grupo, traçando o percurso da organização das ideias, dos saberes e das práticas locais (FREIRE, FALCÃO, 2013). Trata-se de estratégia essencial para a construção do conhecimento, pois cumpre importante papel no levantamento e na organização do saber construído e acumulado localmente. Ao mesmo tempo, essa estratégia possibilita a produção de instrumentos pedagógicos voltados à divulgação de iniciativas bem-sucedidas (COTRIM, D.S.; DAL SOGLIO, 2015).

“Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só se aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas.” (FREIRE, 1983).

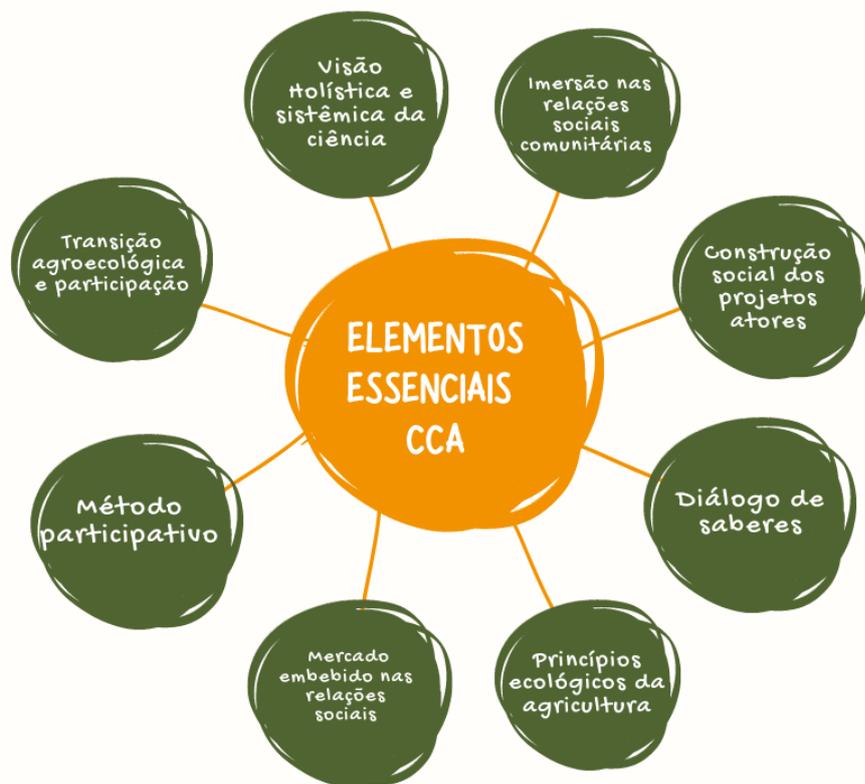


Figura 1 - Diagrama elementos essenciais a Construção do Conhecimento Agroecológico - CCA – COTRIM, 2013

O enfoque agroecológico ganha sentido prático somente quando restaura o protagonismo de agricultores e agricultoras na geração de conhecimentos contextualizados acerca do funcionamento ecológico-econômico de agroecossistemas de gestão camponesa (COTRIM, D.S.; DAL SOGLIO, 2015).

Assim, as contribuições técnicas buscam influenciar práticas correntes, por meio da utilização de ferramentas metodológicas conhecidas e outras pouco conhecidas, adaptadas a partir da leitura da realidade com base no CCA (COTRIM, 2013)

O conceito de “Dádiva” é endossado no sentido da palavra “Partilha”. Segundo Ana Bauberger Pimentel, a troca de dádivas foi descrita pela primeira vez por Mauss em seu célebre Ensaio sobre a Dádiva (*Essai Sur le Don*, no original), publicado pela primeira vez em 1923. Analisando comparativamente um amplo material etnográfico, Mauss descobriu que os habitantes das sociedades da orla do Pacífico e do noroeste da América do Norte, que compunham um cenário cultural extremamente diversificado, praticavam um tipo de intercâmbio de prestações e de contraprestações, denominadas pelo autor de “prestações totais”, caracterizadas basicamente pela oferta voluntária de presentes, livre e gratuita, e, simultaneamente, interessada e obrigatória (PIMENTEL, 2009).

Neste sentido, as partilhas reforçam vínculos históricos de contribuição, solidariedade e reciprocidade. Criam sentido de desenvolvimento conjunto e de ajuda mútua. As atividades buscam gerar empatia entre os participantes para consolidação do grupo e divulgação da proposta da Rede nas comunidades.

O turismo de base comunitária tem como eixo norteador integrar vivências, serviços de hospedagem e de alimentação. O que, a priori, não o diferencia das modalidades turismo cultural ou etnoturismo, ecoturismo e agroturismo. Uma primeira característica que o diferencia é entender a atividade turística como um subsistema interconectado a outros subsistemas, como educação, saúde, agricultura e meio ambiente. Ou seja, o turismo de base comunitária é pensado como um projeto de desenvolvimento territorial sistêmico (sustentável) a partir da própria comunidade (SAMPAIO; ALVES; FALK, 2008).

Dessa forma, o conceito de arranjo socioproductivo, como discutido por Sampaio, nos permitiu abordar de forma mais abrangente o TBC. Sua definição designa ampliação do contexto das relações produtivas resgatando-se valores de cooperação; solidariedade; compromisso com todas as formas de vida, com a paz e com a justiça (SAMPAIO; ALVES; FALK, 2008).

No arranjo socioproductivo, são privilegiados pequenos negócios, individuais ou associativos, de grupos organizados ou quase organizados/articulados, chamados de empreendimentos compartilhados, que buscam preservar as características comunitárias e, ainda, aumentar suas possibilidades de sobrevivência na economia de mercado. É também uma iniciativa na busca de agregar valor aos pequenos socioempreendimentos (SAMPAIO; ALVES; FALK, 2008).

O objetivo do trabalho de assessoria que realizamos junto à Rede Nhandereko era qualificar os roteiros turísticos e ampliar a renda, com metodologias que permitissem desenvolver as habilidades dos comunitários com vistas a um relacionamento menos desigual com o mercado. A literatura internacional e nacional aponta que problemas relacionados ao baixo acesso ao mercado/comercialização dos roteiros e a governança incipiente são os principais fatores pelos quais as iniciativas de TBC colapsam (HOLANA, 2016) (BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, 2009) (BURSZTYN, 2012)

3. METODOLOGIA

Este estudo foi embasado na nossa experiência como assessor técnico da Rede Nhandereko de turismo de base comunitária. Utilizando como referências principais os documentos elaborados entre julho de 2015 e dezembro de 2018, no âmbito das ações de assessoria técnica realizadas junto às comunidades, lideranças comunitárias, técnicos e atores institucionais. Foram analisados estudos de viabilidade socioeconômica, diagnósticos, projetos, relatórios, relatorias de reuniões e eventos, materiais de comunicação e demais documentos que elaboramos no período em que assessoramos a criação da Rede Nhandereko de TBC. A relação desses documentos é apresentada na bibliografia desta dissertação, no item: Documentos de projetos e relatórios elaborados. As capas dos referidos documentos, que não estão publicados, são apresentadas na página 72, como anexo, item 8.1 - Capas e título de documentos de projetos e relatórios de nossa autoria.

A relação com os sujeitos desse trabalho, membros de doze comunidades da região de abrangência do FCT, foi balizada pelo conceito do diálogo de saberes (SANTOS, 2007). Os diálogos entre diferentes saberes – técnicos e empíricos – se deram balizados pelo respeito mútuo, de forma horizontal.

As estratégias metodológicas propostas foram submetidas e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A pesquisa contou com o consentimento da presidente da Associação dos Moradores do Quilombo do Campinho da Independência, Daniele Elias Santos, que também é coordenadora da Rede Nhandereko de TBC.

A contemporaneidade dos acontecimentos, o interesse por seu contexto histórico e a nossa proximidade com os demais atores, ao longo do período analisado, conduziu a escolha do uso do Estudo de Caso como método de pesquisa. Segundo Yin, o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente

não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas (YIN, 2001).

Da mesma forma, o estudo de caso tem capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. O estudo de caso, como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados (YIN, 2001).

Participamos ativamente, desde 2015, do processo de fortalecimento e qualificação das práticas de TBC do coletivo de comunidades que consolidou a Rede Nhandereko. Essa interação foi sendo construída por meio da participação em inúmeras vivências de TBC realizadas nas comunidades; da assessoria técnica à estruturação e precificação de roteiros; na elaboração de projetos e seus respectivos relatórios; na busca por conceitos teóricos que pudessem apoiar o desenvolvimento das práticas vigentes e na facilitação de oficinas de capacitação e das partilhas. Como um dos protagonistas do processo, a observação participante foi elemento metodológico central para a elaboração dessa dissertação.

A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual o autor não é apenas um observador passivo. Em vez disso, ele assume uma variedade de funções em um estudo de caso. E pode, de fato, participar dos eventos estudados. A técnica da observação participante é frequentemente utilizada em estudos antropológicos de grupos culturais e subculturais distintos. A observação participante fornece oportunidades incomuns para a coleta de dados em um estudo de caso. E a mais interessante relaciona-se com a oportunidade e habilidade de conseguir permissão para participar de eventos ou de grupos que são, de outro modo, inacessíveis à investigação científica. Em outras palavras, para alguns tópicos de pesquisa, pode não haver outro modo de coletar evidências a não ser através da observação participante. Outra oportunidade muito interessante é a de poder perceber a realidade do ponto de vista de alguém de "dentro" do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo. Muitas pessoas argumentam que essa perspectiva é de valor inestimável quando se produz um retrato "acurado" do fenômeno do estudo de caso (YIN, 2001).

A metodologia de investigação também se apoia nos princípios desenvolvidos por Carlos Rodrigues Brandão ao redor das noções de “pesquisa participante” e “pesquisa-ação”. De acordo com o autor, só é possível conhecer em profundidade alguma coisa da vida, da

sociedade ou da cultura quando há um envolvimento ou empreendimento pessoal entre o investigador e o “que” ou “quem” se investiga. Ainda conforme ele, é a “intenção premeditada” ou uma determinada “relação pessoal e/ou política estabelecida” que sugerem como realizar o trabalho de pensar a pesquisa (BRANDÃO, 2001)

Com vistas a facilitar a apresentação, dividimos sua realização em dois momentos. No primeiro, a avaliação da importância do TBC para a socioeconomia das comunidades. E no segundo, a descrição da metodologia da partilha como estratégia para o desenvolvimento do TBC em comunidades.

Nosso envolvimento com as iniciativas de TBC desenvolvidas pelas comunidades articuladas ao Fórum de Comunidades Tradicionais começou em 2015. Em julho deste ano foi elaborado, com metodologias participativas e ampla participação dos trabalhadores, o Estudo de Viabilidade Econômica do Restaurante do Quilombo do Campinho² (SANTIAGO, 2015), cuja gestão é realizada pela Associação de Moradores do Quilombo do Campinho – AMOQC. Nesse processo, os trabalhadores qualificaram a missão do restaurante e desenvolveram uma visão panorâmica de suas informações gerenciais, o que possibilitou o planejamento e a melhoria no controle dos fluxos.

Esse envolvimento inicial resultou na nossa contratação em 2016, pelo projeto Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina - OTSS, implementado pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ em parceria com o Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty, Angra dos Reis e Ubatuba - FCT. O trabalho teve dois objetivos: o primeiro, assessorar a AMOQC, por meio da elaboração de estudos sobre a viabilidade socioeconômica dos outros dois empreendimentos geridos pela associação – a Casa de Artesanato e o Roteiro de Turismo de Base Comunitária – TBC. O segundo, apoiar ações de mobilização das comunidades articuladas ao FCT em torno da temática do turismo de base comunitária, com vistas a desenvolver estratégias e metodologias para o fortalecimento do TBC na região.

² Santiago, A. Diagnóstico Socioprodutivo do Restaurante do Quilombo do Campinho, Paraty, Rio de Janeiro, setembro de 2015.

O resultado agregado dos três estudos de viabilidade socioeconômica³ dos empreendimentos da comunidade do Campinho da Independência deu visibilidade aos significativos resultados socioeconômicos das iniciativas de TBC realizadas na comunidade.

As visitas de diagnóstico às iniciativas de TBC das comunidades articuladas ao FCT possibilitaram a tipificação das iniciativas de turismo de base comunitária e a identificação de demandas de assessoria. A partir desse diagnóstico, as comunidades foram mobilizadas e participaram de três Partilhas, que promoveram o intercâmbio entre suas experiências ao longo de 2016.

O segundo período se iniciou a partir de 2017, após o fim das bolsas e dos recursos para atividades de fortalecimento do TBC financiados pela Fundação Oswaldo Cruz. Esse período foi especialmente produtivo, quando foi criado um grupo de coordenação do TBC do FCT, viabilizado a partir do engajamento das lideranças e técnicos. O grupo elaborou e aprovou pequenos projetos e buscou reforçar parcerias com a Prefeitura e iniciativas empresariais em Paraty.

O primeiro projeto foi o Programa de Capacitação e Aceleração do Desafio BIG (Baía da Ilha Grande) realizado pelo Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro - INEA em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO. Fundo para pequenos projetos com foco em iniciativas sustentáveis realizadas na Baía da Ilha Grande⁴. Esse projeto promoveu entre os comunitários a discussão sobre potenciais modelos de negócios para as iniciativas de TBC do FCT. A articulação se fortaleceu, tendo sido escolhido seu nome e criada sua logomarca. (SANTIAGO, 2018)

O segundo foi o edital do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBIO e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento PNUD, em apoio a iniciativas de desenvolvimento do turismo de base comunitária em Unidades de Conservação e

³ Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro, janeiro 2017

⁴ Santiago, A. Produto Final – TBC, Relatório apresentado ao Desafio BIG – FAO/INEA, Paraty, Rio de Janeiro, março de 2018.

seus entornos, por meio do projeto ICMBIO/PNUD-Bra08⁵. O resultado desse projeto foi a realização da primeira oficina de planejamento da Rede Nhandereko e de três partilhas de TBC (SANTIAGO, 2018).

Após a realização desses projetos, a Rede Nhandereko elabora sua carta de princípios definindo seus objetivos e estratégias de funcionamento (SANTIAGO, 2018).

Ao longo de todo esse período identificamos, testamos e adaptamos metodologias com vistas a desenvolver uma estratégia própria e adequada à promoção do TBC na região. O principal resultado desse esforço foi a estruturação da metodologia da Partilha como estratégia de estruturação de roteiros de TBC da Rede Nhandereko.

3.1.Contexto

3.1.1. A comunidade quilombola do Campinho da Independência

O desenvolvimento de Paraty ocorreu em pulsos⁶ de crescimento e declínio, seguindo os ciclos históricos de desenvolvimento do Brasil. A chegada de trabalhadores em grande quantidade, nos momentos de prosperidade, e seu abandono em períodos de recrudescimento econômico, propiciou a constituição de comunidades singulares, posteriormente reconhecidas por sua tradicionalidade, amalgamadas na região com influência importante da natureza e da biodiversidade nos momentos de isolamento. Exemplos mais nítidos são os quilombos localizados nos sertões e as comunidades caiçaras das áreas litorâneas, que se consolidam nos momentos de máximo isolamento.

O declínio econômico, após o encerramento do transporte do café pelo porto de Paraty, em função da construção de uma ligação direta entre o Vale do Paraíba e o porto do Rio de Janeiro, está diretamente relacionado à história de constituição do Quilombo do Campinho da

⁵ Santiago, A. Relatório de execução de projeto da Rede Nhandereko, Projeto BRA 023 ICMBIO/ PNUD, Paraty, Rio de Janeiro abril 2018

⁶ Substantivo utilizado aqui como figura de linguagem sobre a história do desenvolvimento da região, com expansão e contração alternada, em períodos de forte dinamização econômica, e posterior decréscimo das atividades econômicas e população.

Independência. A comunidade surge a partir do abandono dos escravos pelos proprietários da fazenda Independência.

A partir dos anos cinquenta do século XX, novas ondas migratórias e interesses particulares sobre as terras, influenciaram a formação de diversos bairros na área de abrangência das Fazendas Paraty Mirim e Independência, que guardavam relativa unidade socioeconômica com influência até as terras do atual Quilombo da Fazenda em Ubatuba em São Paulo, com o qual Campinho mantinha permanente fluxo socioeconômico.

Na década de 1970, com a construção da rodovia Rio-Santos (BR 101), as alterações se intensificam em toda a região, com fortes influências sobre as comunidades. A Associação de Moradores do Quilombo do Campinho (AMOQC) foi fundada em 1994, com o objetivo principal de organizar o movimento quilombola da comunidade do Campinho e lutar pela terra. Em 1999, conquistaram o título de propriedade definitiva das terras, por meio da titulação do Quilombo, com uma área de 287 hectares.

Ao contar a história da Comunidade do Campinho da Independência, Vaguinho (Vagner do Nascimento, Coordenador do Fórum de Comunidades Tradicionais), divide em dois momentos, “antes e depois da regularização do território tradicional”. Assim como outros povos e comunidades tradicionais no Brasil, a delimitação territorial é ponto de partida para diversas conquistas que só se viabilizam ou são legalmente acessíveis àquelas comunidades que possuem o Título definitivo⁷ (SANTIAGO, 2015).

Além da ameaça de grileiros e da especulação imobiliária, iniciativas governamentais modificaram significativamente a forma de produção e organização das comunidades da região, com destaque para a criação de Unidades de Conservação (UC), como o Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB) (1972) e a Área de Proteção Ambiental do Caiuru - APA Caiuru (1983), entre outras iniciativas, como o tombamento do trecho Fluminense da Serra do Mar (1991).

⁷ Santiago, A. Diagnóstico Socioprodutivo do Restaurante do Quilombo do Campinho, Paraty, Rio de Janeiro, setembro de 2015.

Historicamente a economia da comunidade se estruturou na agricultura e no artesanato, a partir de conhecimentos e saberes passados de geração a geração, com base na mão de obra familiar e nas trocas de serviço e mutirões estruturados desde seus núcleos familiares. A partir dos anos setenta, a legislação ambiental e a instalação de unidades de conservação impuseram severas restrições ao modo de vida.

Em 2000 foram feitas as primeiras experiências de receptivo turístico, com a estrutura disponível na comunidade – residências e escola. A partir de 2003, as lideranças da comunidade conceberam e iniciaram o projeto Roteiro Etno-Ecológico do Quilombo do Campinho, que desenvolveu material de comunicação próprio, mas utilizando ainda as casas dos moradores como estrutura principal e a cozinha da Dona Emília, para a alimentação⁸ (SANTIAGO, 2017).

O empreendimento Roteiro de TBC do Campinho tem como destaque a conversa com os griôs (as anciães e anciões) que contam histórias que retratam a comunidade. Além de outras atividades como visitas guiadas, oficinas culturais, oficinas de artesanato, oficinas de agroecologia e a gastronomia tradicional quilombola. O roteiro turístico pode ser montado de acordo com o interesse do grupo, a partir do conjunto de opções oferecidas pela comunidade.

⁸ Santiago, A. Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro, janeiro 2017



Foto 4 - Roteiro do Quilombo de Santa Rita de Bracui, Angra dos Reis, 2016. Fonte: Comunicação OTSS.



Foto 5 - Casa de artesanato do Quilombo do Campinho - 2021. Fonte: acervo Rede Nhandereko

Comunidades articuladas ao Fórum de Comunidades Tradicionais

Além das ações no Campinho da Independência, são mobilizadas oito comunidades tradicionais, articuladas ao FCT e que praticam atividades relacionadas ao TBC. Estas mesmas comunidades posteriormente criam a Rede Nhandereko de turismo de base comunitária. São elas:

Em Angra dos Reis: Quilombo de Santa Rita do Bracuí e a aldeia indígena Guarani de Sapukai;

Em Paraty: Quilombo do Campinho e comunidades caiçaras de Trindade, Sono, Praia Grande da Cajaíba;

Em Ubatuba: Quilombo da Fazenda e comunidade caiçara de Ubatumirim.



Figura 2- Mapa de distribuição das comunidades com iniciativas turísticas e articuladas ao Fórum de Comunidades Tradicionais, 2015. Fonte: Comunicação OTSS.

3.2. Avaliação da relevância do TBC para a socioeconomia da comunidade quilombola do Campinho da Independência

Para avaliar as práticas e relevância do turismo de base comunitária para a comunidade Quilombola do Campinho da Independência, reunimos elementos sobre a dinâmica do arranjo socioprodutivo do TBC e sua importância para economia e desenvolvimento local. A partir da análise de documentos elaborados ao longo dos anos de 2015 e 2016, período em que realizamos assessoria direta às atividades de TBC na comunidade, no âmbito do projeto OTSS realizado pela FIOCRUZ em parceria com o FCT.

A avaliação incorpora as reflexões que fizemos como observador participante neste período de assessoria à Rede Nhandereko, até os dias de hoje. Os documentos avaliados foram todos construídos com ampla participação dos envolvidos, por meio do uso de metodologias participativas. Ao analisar os documentos buscamos identificar e avaliar os seguintes pontos:

- Características diferenciais das oportunidades de trabalho relacionadas ao TBC;
- Capacidade de geração de trabalho e renda em atividades relacionadas ao TBC;
- Envolvimento de mulheres e jovens;
- Valorização do conhecimento dos anciãos e fortalecimento do intercâmbio geracional;
- Participação como estratégia para reprodução cultural e formação política;
- Potencial de replicação.

O primeiro documento de referência é o projeto “Arranjo Produtivo de Turismo de Base Comunitária do Quilombo do Campinho” apresentado ao Fundo Social do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES⁹. O projeto apresenta projeções sobre o

⁹ Cortines, A. Arranjo produtivo de turismo de base comunitária do Quilombo do Campinho. Proposta de projeto apresentado ao Fundo Social, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES. Maio de 2015.

potencial do TBC e propostas para seu desenvolvimento no Campinho e na região. O referido projeto tinha como proponente a associação dos moradores do Quilombo do Campinho e sua elaboração contou com a equipe técnica do projeto OTSS, antes do início do nosso trabalho na comunidade.

A expectativa de aprovação do projeto definiu nossa contratação para a assessorar a comunidade na área de gestão de empreendimentos. Durante esse trabalho foram gerados três estudos de viabilidade socioeconômica - EVE, dos empreendimentos geridos pela associação de moradores, respectivamente: restaurante do Quilombo (2015); casa de artesanato (2016) e roteiro de TBC (2016).

Os estudos de viabilidade socioeconômica foram realizados conforme metodologia proposta pela CAPINA¹⁰ – Cooperação a Projetos de Inspiração Alternativa e da Incubadora de Tecnologias de Cooperativas Populares da Universidade Católica de Salvador - ITCP UCSAL¹¹. (KRAICHETE, 1998; KRAICHETE, 2016; KRAYCHETE, 2007). A primeira é uma Organização não governamental com sede no Rio de Janeiro - desde os anos noventa assessora organizações de agricultores no desenvolvimento de seus empreendimentos. A segunda é uma incubadora amparada pela Universidade Católica de Salvador, com atuação mais recente no desenvolvimento da referida metodologia.

Originalmente denominado Estudo de Viabilidade Econômica – EVE, a metodologia passou a ser chamada de Estudo de Viabilidade Socioeconômica, nomenclatura mais adequada aos empreendimentos populares. O método busca promover diagnóstico e planejamento das atividades dos empreendimentos, com participação dos trabalhadores, envolvendo todos no processo de autogestão. Uma das metodologias utilizadas é elaborar um passo a passo das atividades do empreendimento, detalhando, com a participação dos envolvidos, suas demandas de serviços e custos.

Os dados do EVE foram gerados em oficinas e ao longo da assessoria em serviço, a partir das demandas concretas do dia a dia e da implementação de estratégias simplificadas de gestão. Destacamos nesta dissertação, principalmente, os dados relativos ao número de

¹⁰ <https://www.capina.org.br/>

¹¹ <https://itcpucsal.blogspot.com/>

trabalhadores mobilizados pelo arranjo produtivo do TBC, deixando para uso interno da comunidade os demais dados financeiros levantados durante o processo.

O levantamento do número de trabalhadores envolvidos foi feito por meio de listagem dos nomes por empreendimento ou categoria. Ao longo do levantamento verificamos que doze trabalhadores tinham mais de uma ocupação, razão pela qual apresentamos esse dado em duas categorias: O número de postos de trabalho e número de trabalhadores.

Um quinto documento é o Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos da Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, elaborado em janeiro de 2017. O Diagnóstico agrega informações dos EVE citados e outras coletadas ao longo de um processo de formação em TBC realizado na comunidade do Campinho. Esse processo cria espaço de governança com participação de diversos empreendimentos, trabalhadores e comunitários envolvidos com o TBC.

A formação utilizou os resultados dos estudos de viabilidade socioeconômica como base para o diálogo, que ao longo de cinco oficinas mobilizou, em quatro meses, um grupo de 30 pessoas para avaliar os potenciais e fragilidades e planejar estratégias de desenvolvimento local com base no TBC.

A metodologia adotada para realização da Formação em TBC foi Design Thinking (IDEO, 2020)¹². O Design Thinking - DT, é uma metodologia de uso relativamente recente no Brasil. Reúne ferramentas voltadas à inovação e ao planejamento participativo de negócios. Está estruturada em três grandes momentos e sete passos, cujos objetivos são: Primeiro passo – gerar *empatia* entre os envolvidos e promover *imersão* no objeto da análise. Segundo passo: *Idealizar* soluções, *prototipar* e *testar*. Terceiro passo: *Implementar* e *avaliar*.

A metodologia potencializa, por meio de dinâmicas e vivências, a empatia entre os envolvidos, como elemento chave para o sucesso do empreendimento. A partir de uma profunda imersão nas informações gerenciais (atividades, objetivos, produtos, missão, visão, equipe), busca idealizar o melhor funcionamento da iniciativa em um momento futuro, com maior eficiência e qualidade. Para pensar o futuro foi utilizada a ferramenta metodológica conhecida

¹² Disponível em <https://educadigital.org.br/>. Acesso em 20 de janeiro 2024. <https://www.ideo.com>

como chuva de ideias. Por meio dela, o grupo levanta propostas que são posteriormente reagrupadas e validadas. Num segundo momento, as propostas são priorizadas e prototipadas. Ou seja, as ideias são transformadas em produtos concretos, semiacabados e passíveis de serem submetidos a testes de funcionamento. Os resultados são avaliados e os produtos ajustados e implementados.

3.3. Apresentação de conceitos e metodologias que amparam a realização das Partilhas

A Partilha de turismo de base comunitária é uma metodologia inspirada nas trocas de experiências. Seu nome e concepção vêm especialmente das contribuições da técnica Erika Brás Moço, a partir de sua percepção sobre as singularidades do trabalho com comunidades tradicionais. Segundo ela, nas partilhas se busca contribuir com o aprendizado do outro¹³. Formada em Licenciatura em Ciências Agrícolas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, trabalha desde 2007 com comunidades tradicionais da região de Paraty, agregando ao trabalho técnico, sua sensibilidade e longa experiência com movimentos de arte e cultura.

A Partilha é estruturada para enfrentar dois desafios - desenvolver iniciativas locais de TBC e estabelecer uma rede de colaboração. A rede Nhandereko utiliza a partilha que desenvolveu e adaptou desde 2016. Desse ano para cá tivemos, na companhia da técnica citada, profícua parceria com a Rede Nhandereko e recebemos importantes contribuições dos coordenadores da Rede Nhandereko, Daniele Elias Santos (já apresentada liderança do Quilombo do Campinho) e Vagno Martins, caçara da comunidade de São Gonçalo e articulador do coletivo de TBC local da comunidade e coordenador da Rede Nhandereko, junto com Daniele Elias. Vagno atualmente é Diretor de Povos e Comunidades Tradicionais da Prefeitura de Paraty. A concepção atual da partilha agrega ainda contribuições de diversos comunitários que participaram deste processo.

¹³ Santiago, A. Processo de Formação em TBC - Acordos iniciais – Campinho da Independência. Paraty, Rio de Janeiro, agosto de 2016.

Apresentamos neste tópico os referenciais teóricos que embasaram a estruturação da metodologia da partilha, buscando realçar as estratégias que se destacaram e se consolidaram na proposta metodológica, bem como as ferramentas metodológicas utilizadas ao longo dos anos para sua realização.

A experimentação da metodologia foi possível graças à possibilidade de sua utilização prática e sua validação em campo, o que só foi possível por meio da implementação de projetos. Para discutir o desenvolvimento e as adequações adotadas ao longo do tempo revisamos as relatorias de sete partilhas de TBC, relatórios fotográficos e relatórios de projetos realizados no período.

No ano de 2016, foram realizadas três Partilhas com objetivo de mobilizar as comunidades articuladas ao FCT e identificar oportunidades de desenvolvimento econômico local, a partir do desenvolvimento do TBC. Essas primeiras partilhas buscam além de fortalecer os vínculos intercomunitários, realizar um diagnóstico rápido e participativo, das iniciativas de TBC, seus gargalos e oportunidades. Esta etapa foi realizada por equipe contratada pelo projeto – OTSS/FIOCRUZ.

A partir de 2017, é criado um coletivo de coordenação do TBC do FCT, que passa a se reunir e mobilizar recursos para a continuidade das ações. O segundo projeto realizado foi o Programa de Capacitação e Aceleração do Desafio BIG, realizado pelo INEA em parceria com a FAO. O Desafio BIG foi um fundo de pequenos projetos, com foco em iniciativas sustentáveis realizadas na Baía da Ilha Grande¹⁴.

O terceiro projeto foi um edital do ICMBIO e PNUD em apoio a iniciativas de desenvolvimento do turismo de base comunitária em Unidades de Conservação e seus entornos, realizado entre os anos de 2017 e 2018.

O grupo de comunidades participantes variou, sendo composto em 2018, ano de lançamento da Rede Nhandereko, por 12 comunidades. Entre 2017 e 2018, as cinco partilhas realizadas incluíam discussões temáticas sobre princípios de TBC.

¹⁴ Santiago, A. Produto Final – TBC, Relatório apresentado ao Desafio BIG – FAO/INEA, Paraty, Rio de Janeiro, março de 2018.

Posteriormente, a equipe técnica consolida uma proposta metodológica para as partilhas, que foi experimentada nos anos de 2022 e 2023 no âmbito do Projeto Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade das Unidades de Conservação Federais Costeiras e Estuarinas dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, uma nova parceria da Rede Nhandereko com a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu – ICMBIO.

Analizamos os conceitos e metodologias utilizados para aprofundar o entendimento sobre as partilhas de turismo de base comunitária, como mostrado a seguir:

Quadro 1- Conceitos e metodologias que foram utilizadas como referência para a estruturação das Partilhas

Conceitos e metodologias significativas	Utilização	Como
Construção do Conhecimento Agroecológico - CCA	. Sistematização de experiências e partilha dos aprendizados.	- Planejar e relatar atividades. (Relatorias das partilhas - Avaliar e sistematizar aprendizados - Promover espaços de diálogo (rodas de conversa)
Metodologia campesino a campesino	. Promover o diálogo direto entre experiências comunitárias	- Respeito entre conhecimento técnico e popular - Protagonismo comunitário
Arranjos socioprodutivos	. Visão sistêmica dos componentes de um roteiro de TBC . Consolidar estratégias de inclusão de participantes	- Critérios de participação - Quantificação de atrativos, serviços, atores envolvidos. - Visão sistêmica
Metodologias participativas	. Estratégias diversas para motivar, mobilizar e criar espaços de participação ampla.	- Dinâmicas - Espaço de fala - Local não hostil aos participantes - Financiamento de custos, viabilizando participação - Ciranda para crianças
Ferramentas Visuais de planejamento	. Métodos para trabalho em grupo, comunicação visual, acesso a informações discutidas nas oficinas	- Método ZOPI - FOFA - Matriz de Planejamento Chuva de ideias
Governança	. Definição de acordos e espaços de diálogo	Transparência, prestação de contas, equidade e responsabilidade compartilhada
Estudos de Viabilidade Socioeconômica de empreendimentos populares	. Roteirização . Precificação . Temporização	- Abordagem da metodologia da CAPINA como um todo. - Passo a passo em especial
Design Thinking	. Desenvolver arranjos complexos com participação	- Gerar empatia entre os envolvidos - Promover imersão no objeto da análise - Idealizar soluções, - Prototipar e testar. - Avaliar e implementar
Sistema Participativo de Garantias	Reconhecimento entre pares	- Partilhar avaliações e recomendações

3.4. Descrição da metodologia da Partilha como estratégia para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária.

Nossa proposta metodológica para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária, a partir da consolidação das experiências realizadas em oficinas nas comunidades articuladas à Rede Nhandereko.

A partir da sistematização do conjunto de informações disponíveis e das experiências como observador participante do processo, elaboramos uma proposta de itinerário para aplicação da metodologia da Partilha. A proposta está estruturada em cinco etapas, detalhados seus objetivos e principais ferramentas metodológicas utilizadas em sua realização.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Relevância do TBC para a socioeconomia da comunidade quilombola do Campinho da independência

A partir dos anos 70 se intensificam as restrições ao uso tradicional do solo na região de Paraty, em função da implementação de unidades de conservação e da intensificação dos conflitos fundiários. A atividade econômica mais impactada em toda a região foi a agricultura. As restrições direcionaram parte da população do quilombo para o trabalho fora da comunidade, gerando como consequência, o abandono das atividades coletivas, das atividades tradicionais de agricultura, de criação e extrativismo, o pouco envolvimento nas manifestações culturais, não repasse de saberes e tradições para as gerações mais novas.

A maior parte das oportunidades de trabalho disponíveis se relacionam com a economia do turismo, e traz novas experiências para a comunidade. As primeiras iniciativas turísticas realizadas no Quilombo do Campinho aconteceram após a delimitação do território tradicional

no ano de 1999. A partir desse momento, o esforço de articulação política e de trabalho da comunidade se volta para sua sustentabilidade econômica e cultural.

Segundo o projeto Arranjo Produtivo de Turismo de Base Comunitária do Quilombo do Campinho do Fundo Social do BNDES em 2015 ⁻¹⁵, o Quilombo do Campinho encontrou no turismo de base comunitária uma nova forma de sustentabilidade econômica. A comunidade busca um turismo que promova atividades tradicionais desenvolvidas dentro do quilombo, como as manifestações culturais, a agricultura, o artesanato e manejo da biodiversidade. (CORTINES, 2015).

As iniciativas produtivas articuladas ao TBC da comunidade Quilombola do Campinho têm em comum a valorização da ancestralidade, da cultura e do conhecimento tradicional, especialmente aqueles associados à utilização da biodiversidade. Os “valores” ofertados por essas iniciativas locais são elementos que, ao mesmo tempo em que destacam e diferenciam a comunidade das demais iniciativas empresariais, são referência para outras comunidades.

O principal atrativo turístico do TBC na comunidade, no período analisado, era o acolhimento, a atmosfera criada pela comunidade para envolver e permitir ao interlocutor vivenciar o roteiro. Além disso, a venda direta de produtos pelos próprios produtores e artesãos beneficiam os produtos da biodiversidade local. O Restaurante, que está entre os melhores da cidade, utiliza alimentos produzidos localmente e plantas alimentícias não convencionais.

O investimento em produtos e serviços baseados em referências culturais locais gera resultados. O restaurante do Quilombo é reconhecido desde 2008, seu segundo ano de funcionamento, com os prêmios Indicação do Guia Comer e Beber 2008; Indicação do Guia Brasil Quatro Rodas 2013, 2014 e 2015; Indicação do Guia do Garfo de Ouro 2013, 2014 e 2015. Matérias sobre a cultura alimentar do Quilombo são veiculadas desde antes da abertura do restaurante (Chef Olivier), inclusive estimulando a iniciativa. Nesse período participam de

¹⁵ Cortines, A. Arranjo produtivo de turismo de base comunitária do Quilombo do Campinho. Proposta de projeto apresentado ao Fundo Social, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES. Maio de 2015.

programas como Um pé de quê? 2007, TV Cultura; Cozinhando Sob Pressão, 2015 FOX, HOMENS GOURMET, 2015, SBT¹⁶.

Os Estudos de Viabilidade Socioeconômica demonstram a intrincada relação entre os empreendimentos e a capacidade das atividades de TBC de gerar trabalho e renda, por meio da inclusão de diversas iniciativas econômicas desenvolvidas pelos moradores. O Diagnóstico¹⁷ identifica 28 iniciativas econômicas articuladas ao turismo de base comunitária, além do trabalho de coordenação, gestão econômica e financeira realizado pela AMOQC.

A gestão dos empreendimentos – restaurante, roteiro de TBC e casa de artesanato, é de responsabilidade de seus coletivos, com participação direta da AMOQC. Esse trabalho demanda um grande esforço de capacitação e serviço da associação, o que, ao longo do tempo, trouxe importantes aprendizados. Os responsáveis diretos por esse trabalho na AMOQC são três comunitários – um coordenador geral, uma secretária e uma coordenadora administrativa e financeira.

Os empreendimentos geridos pela AMOQC agregam 44 postos de trabalho. Doze no restaurante, 16 no roteiro de TBC e 16 na casa de artesanato. Os empreendimentos se configuram em diferentes arranjos. O restaurante conta com uma equipe permanente assalariada e outros contratados temporários para temporada e feriados, coordenados pela chefe de cozinha. Sua gestão financeira é feita pela equipe da AMOQC, assim como no caso do roteiro de TBC.

A equipe do roteiro é “contratada” avulsa somente nos dias de atividade. O preço dos roteiros comercializados pela AMOQC inclui, além dos custos com pessoal e serviços, uma taxa de manutenção para AMOQC. A equipe do roteiro está organizada com base no trabalho de duas coordenadoras responsáveis pelo contato externo, organização e mobilização dos comunitários envolvidos. As quais, juntamente com a pessoa responsável pelo contato comercial, montagem do roteiro e agendamento, respondem pela coordenação da atividade. A

¹⁶ Santiago, A. Diagnóstico Socioprodutivo do Restaurante do Quilombo do Campinho, Paraty, Rio de Janeiro, setembro de 2015.

¹⁷ Santiago, A. Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro, janeiro 2017

realização do serviço agrega ainda palestrantes, guias, griôs, pessoal para manutenção e jardinagem e uma tradutora, totalizando 16 pessoas em 2016.

A casa de artesanato é gerida por seu coletivo, responsável pelo rateio do custo de uma funcionária fixa, responsável pela comercialização, gestão de vendas e manutenção do dia a dia. Cada artesão recebe de acordo com suas vendas que são controladas em um livro caixa. O rateio é feito em períodos estabelecidos previamente entre os participantes.

Outras ocupações articuladas ao TBC mobilizaram em 2016, 81 postos de trabalho.

Os empreendimentos familiares respondem por sete postos, respectivamente, casas de artesanato familiares (2), pousos familiares (2), campings (2) e uma produtora de doces (1). Além dos empreendimentos, a realização dos roteiros de TBC demandam produtos de agricultores agroecológicos (14), oficinairos (13) e grupos culturais (42). Os grupos culturais são, respectivamente: o coletivo do Jongo (33), o grupo de RAP (5) e o grupo de samba (4). As iniciativas em geral não contavam com uma estratégia de gestão específica.

Como citado na metodologia, para levantar o número de trabalhadores envolvidos, foi necessário a criação de duas categorias: número de postos de trabalho e número de trabalhadores. Visto que doze trabalhadores atuavam em mais de um posto de trabalho. Razão pela qual existe uma diferença entre o número de postos de trabalho e número de trabalhadores, totalizando 21 colocações.

Os dados gerados pelos estudos de viabilidade socioeconômica, mostram a relevância quanto à renda gerada, mas especialmente a capacidade do TBC de viabilizar postos de trabalho na comunidade. No ano de 2016 a população total do Quilombo do Campinho era de 556. As iniciativas de TBC envolviam diretamente 107 trabalhadores, em 124 postos de trabalho vinculados. Contabilizados seus familiares, o TBC propiciou renda para 238 beneficiários diretos e indiretos. Ou seja, neste ano o TBC no Campinho envolveu cerca de 42% da comunidade, o que demonstra sua relevância socioeconômica.

A tabela 1 - Pessoal envolvido nas atividades de TBC realizadas no Quilombo do Campinho da Independência (Santiago, 2017), apresenta o número de pessoas envolvidas para que seja possível o funcionamento do TBC no Quilombo do Campinho. Apresenta os empreendimentos segmentados segundo suas singularidades, como empreendimentos coletivos

(ligados a AMOQC), iniciativas familiares, coletivos culturais e agricultores, consolidando o número de iniciativas econômicas; o número de postos de trabalho, o número de trabalhadores diretos, o número de beneficiários indiretos (familiares dos trabalhadores listados) e o número total de beneficiários diretos e indiretos.

Tabela 1- Pessoal envolvido nas atividades de TBC realizadas no Quilombo do Campinho da Independência. (FONTE: Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, 2017).

Perfil	Iniciativas	QTD	Postos de trabalho	Beneficiários indiretos	Total de beneficiários
Empreendimentos Coletivos		3	44	74	118
	Restaurante do Quilombo		12	24	36
	Roteiro de TBC		16	30	46
	Casa de Artesanato		16	20	36
Iniciativas Familiares		20	25	14	39
	Campings	2	3	0	3
	Pousadas	2	3	0	3
	Agroecologia	14	14	14	28
	Casas de Artesanato	2	5	0	5
Oficineiros		2	13	13	26
	Oficina de Cestaria	1	6		6
	Oficina de Agroecologia	1	7	13	20
Iniciativas Culturais		3	42	30	72
	Jongo	1	33	30	63
	RN	1	5	0	5
	Samba	1	4	0	4
Produções individuais articuladas		1	1	0	1
	Doces	1	1	0	1
Organizações		1			
	AMOQC	1	3	0	
Número de Iniciativas Identificadas					29
Número de postos de trabalho					128
Número de trabalhadora(e)s					107
Número de trabalhadoras mulheres					70
Número de trabalhadores homens					37
Número de familiares Beneficiados					131
Número Total de Beneficiários					238
População Total do Quilombo do Campinho em 2016*					556

(*) Dados da AMOQC

Outro dado que comprova o potencial da integração da economia da comunidade à economia do turismo, com ativos relacionados à valorização cultural e da biodiversidade é o crescimento do número de casas de artesanato familiares desde 2015. No período do estudo existiam duas casas de artesanato familiares na comunidade e em 2023 são cinco.

O público alvo dos empreendimentos localizados no Quilombo do Campinho inclui os turistas que vêm a Paraty por conta própria, especialmente os com carro próprio que circulam pela BR-101, agências de turismo locais com pacotes para estrangeiros e agências especializadas em pacotes *didáticos* com sede nas cidades do Rio e São Paulo. E também o mercado de eventos, especialmente aqueles mobilizados por parceiros e aliados da AMOQC e do FCT. Por fim, turistas que ficam hospedados no Quilombo e nas comunidades próximas.

Na experiência do Restaurante do Quilombo, o fluxo de turistas e as vendas dobram na temporada de novembro a março, em relação aos demais meses do ano. Na casa de artesanato a mesma tendência de aumento do fluxo na temporada se verifica.

No caso do Roteiro de TBC, a influência da temporada se dá ao inverso, em função da maior parte dos grupos de turismo recebidos serem grupos de turismo didático, os quais são mais frequentes no meio do ano. Essa característica dos grupos formados por alunos, fora da temporada de verão, em um período de baixa temporada, confere especial equilíbrio às contas e diminui os efeitos da sazonalidade. O estudo identificou que em 2016 cinquenta grupos de turistas foram recepcionados pela equipe de TBC do Quilombo, totalizando cerca de 1400 visitantes - 32 Grupos com um perfil mais didático, seja de escolas particulares de ensino básico das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, ou de universidades como a UNESP, UFRRJ, entre outras. E 18 Grupos foram organizados por agências de Paraty para recepção de turistas estrangeiros. (Santiago, 2017). A figura 02 - Número de Grupos recebidos em 2016 (Santiago, 2017), apresenta o número de grupos concentrados nos meses fora da temporada de verão.

O Restaurante do Quilombo atendeu entre 1.500 e 3.000 turistas a cada mês, respectivamente na baixa e na alta temporada. São 25.500 pessoas que somadas aos 1.400 turistas que vivenciaram o Roteiro de TBC em 2016, sem considerar visitantes avulsos da Casa de Artesanato, nos permite estimar que a cada ano cerca de 27.000 pessoas passam por esses empreendimentos.

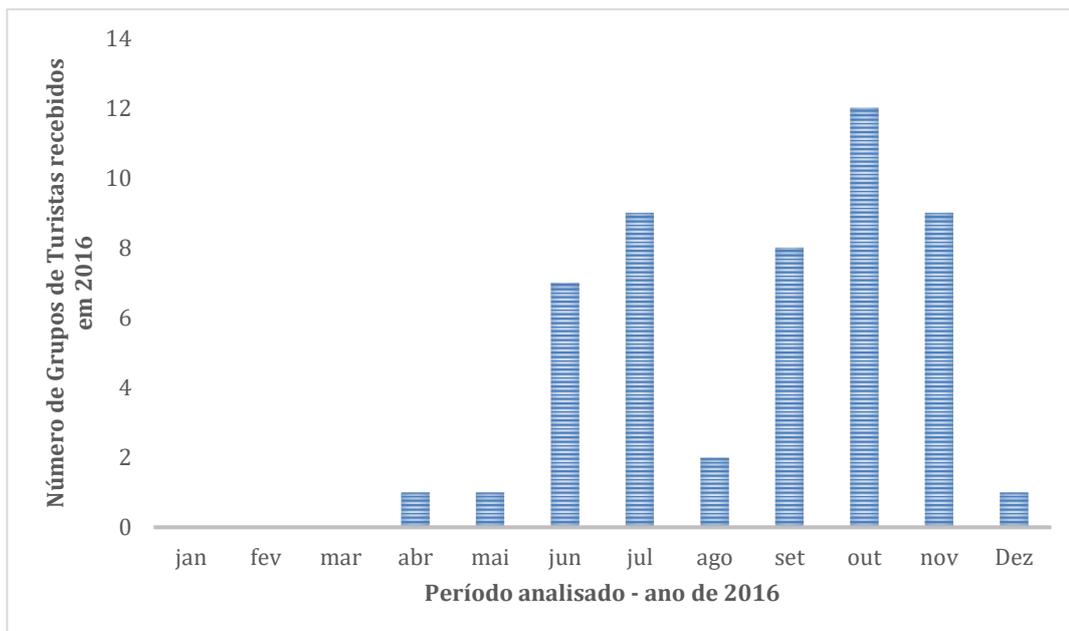


Figura 2 - Número de Grupos recebidos em 2016. (Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, 2017)

O aprendizado no âmbito do TBC acontece no dia a dia do próprio trabalho. Os jovens participam inicialmente como observadores dos roteiros ou como brincantes dos grupos culturais. A partir do momento em que se sentem seguros passam a participar diretamente em um posto de trabalho, a exemplo dos guias, garçons ou outros.

Um outro elemento importante identificado pelos estudos foi a valorização da história e dos anciãos, bem como o fortalecimento das relações entre gerações que o trabalho com TBC tem proporcionado. Dessa forma, o TBC também potencializa a transmissão dos conhecimentos tradicionais orais entre as gerações. O que pode ser observado em relação à história, ao conhecimento na agricultura e no uso da biodiversidade.

Como destaca Daniele Elias, atual presidente da associação de moradores, coordenadora da Rede Nhandereko e ativista pelos direitos das comunidades tradicionais, junto ao Fórum de Comunidades Tradicionais – FCT, “estar em contato com estes guardiões da memória é um privilégio tanto para os visitantes como para aqueles quilombolas que acompanham o roteiro. A cada visita, a Griô abre uma página de seu livro de muitas histórias” (Daniele Elias)¹⁸.

¹⁸ Santiago, A. Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro, janeiro 2017

A participação das mulheres é importante fator de mobilização, coesão comunitária e incentivo à participação dos jovens e anciãos. Assim como na história de criação da comunidade, contada a partir da narrativa de três mulheres, a força feminina é muito significativa. Em 2016, as mulheres estavam à frente dos três empreendimentos liderados pela AMOQC. Da mesma forma, as mulheres lideravam o grupo de jongo e de artesãs responsáveis pelas oficinas de cestaria e a maioria dos postos como guias. A área administrativa e financeira da AMOQC é liderada por uma jovem mulher desde 2016. Foi em 2023 que a AMOQC elegeu sua primeira mulher presidente.

Os homens estavam à frente do grupo de RAP, de samba e são maioria entre os agricultores fornecedores de alimentos, bem como dos jovens responsáveis pela coleta de fibras e pessoal da manutenção.

O levantamento identificou 70 mulheres (entre jovens e adultas) trabalhando com o turismo de base comunitária e 37 homens (entre jovens e adultos). As mulheres são maioria entre as pessoas a ocupar mais de um posto de trabalho, somam nove entre os doze trabalhadores com multifunção.

A permanência dos trabalhadores na comunidade, a partir da criação de postos de trabalho, é de vital importância para manutenção de sua coesão e de suas manifestações culturais. A presença dos pais é que permite a continuidade da transmissão de seus conhecimentos aos seus filhos e interlocução com seus anciãos. O incentivo às práticas culturais, o intercâmbio entre gerações são elementos importantes para reprodução e unidade da comunidade.

Os estudos realizados ao longo deste trabalho deram visibilidade à relevância do TBC para o desenvolvimento local, sua capacidade de mobilização de trabalho e renda, estímulo ao intercâmbio entre as gerações e respeito aos mais velhos e a valorização da cultura. Trouxe luzes ao complexo arranjo socioprodutivo que é mobilizado para as atividades de TBC. E, dessa forma, servindo de base e inspiração para estruturação dos trabalhos de assistência técnica voltado à estruturação do TBC em outras comunidades.

Alguns aprendizados a partir do trabalho no Campinho são bastante relevantes para o trabalho em outras comunidades. A experiência de gestão da casa de artesanato é objeto de

troca de experiência com a participação de outras comunidades que realizavam a mesma atividade.

A partir da análise das experiências de funcionamento do empreendimento roteiro de TBC do campinho é possível dar visibilidade ao serviço realizado por alguns trabalhadores. Os custos da atividade não se limitam à sua realização no dia do roteiro. Os serviços de comercialização e coordenação da atividade como um todo, embora imprescindível, é invisibilizado na maioria das comunidades. Os custos de operacionalização desses serviços (internet, celular, comunicação) e dos trabalhadores envolvidos muitas vezes não é coberto.

4.2. Conceitos e metodologias que amparam a realização das partilhas



Foto 6 - Processo de Formação em TBC, Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, RJ, 2016. Fonte: Comunicação OTSS

A adoção de ferramentas metodológicas para promoção do desenvolvimento comunitário deve considerar sua experimentação e adaptação à realidade local. Nesse sentido, consideramos o conceito de construção do conhecimento agroecológico como base para

adequação da ação de assessoria às peculiaridades dos sujeitos envolvidos no processo e, também, sua valorização e protagonismo.

O desenvolvimento comunitário é aqui entendido como processo de empoderamento capaz de motivar o intercâmbio de gerações, desenvolver capacidades, incluir famílias e aumentar a renda em comunidades locais com protagonismo dos seus moradores em articulação com atores e instituições externas.

O conceito de construção do conhecimento agroecológico foi utilizado para garantir que os empreendimentos, famílias e coletivos de TBC tenham tempo para refletir internamente sobre suas habilidades e interesses, o que possibilita focar no atendimento das demandas dialogadas. Momentos propiciados pelas visitas diagnósticas, na identificação dos atrativos, nas oficinas de planejamento dos roteiros e nas avaliações.

O registro detalhado e de audiovisual das atividades realizadas foi a estratégia utilizada para garantir a sistematização futura. A análise dos relatos e sistematização das relatorias das primeiras sete partilhas identifica a consolidação dos conceitos e acordos discutidos pelo coletivo da Rede entre os anos de 2016 e 2018, período em que foi elaborada a Carta de Princípios da Rede Nhandereko, validada em evento realizado pela Rede em 2018.

A afirmação da identidade da Rede ocorre também a partir da afirmação das suas diferenças em relação ao turismo empresarial. Inspirados na trajetória da Rede Tucum, verificamos a necessidade de se estabelecer acordos e princípios para o funcionamento dos roteiros articulados à Rede. Momento em que foi considerada a elaboração de uma Carta de Princípios, de forma a estabelecer acordos que permitissem o funcionamento e o crescimento da Rede. A carta é o primeiro passo na criação de um selo de garantia para que um empreendimento associado à Rede estabeleça seu negócio pautado nos princípios de sustentabilidade socioambiental e econômica.

A Rede Tucum é um coletivo de iniciativas turísticas de base comunitária, estabelecida no litoral do Estado do Ceará, que realiza comercialização conjunta, a partir de sua Carta de Princípios, que estabelece suas regras de participação.

A Carta de Princípios da Rede Nhandereko é um documento de caráter geral que estabelece princípios e valores compartilhados pelos fundadores, definindo limites e estratégias

para o crescimento da Rede. Estabelece as características das comunidades participantes e critérios de inclusão de participantes.

O intercâmbio e a troca de experiências são estratégias correntes nos projetos de desenvolvimento agroecológico. Optamos por nomear nossas atividades coletivas como “Partilha” para destacar que não buscamos a troca, mas a partilha, mais próxima do conceito de dádiva, apresentado na revisão deste trabalho. Este conceito foi utilizado para reforçar os vínculos e a reciprocidade, especialmente considerando a desigualdade de estágios de maturação das iniciativas entre as diversas comunidades.

A metodologia Campesino a Campesino é uma estratégia utilizada nos trabalhos da Rede. A metodologia, que é bastante utilizada em países da América Latina, estabelece o diálogo direto de conhecimentos entre comunitários. Eric Holt-Giménez, descreve no livro - Campesino a Campesino: Voces de Latinoamérica - Movimiento Campesino para a Agricultura Sustentable (HOLT-GIMÉNEZ, 2006) sua proposta metodológica. Segundo ele, desde suas origens Maias, passando pela consolidação no México e na Nicarágua, a (metodologia) Campesino a Campesino se apresenta como uma alternativa político-pedagógica de desenvolvimento rural, cujo alicerce é a práxis das comunidades. Desenvolvido a partir da realidade do educando, do diálogo e da experiência compartilhada, sua metodologia se converteu em novo paradigma de educação popular. Nesse sentido, o movimento coincide com a teoria do educador brasileiro Paulo Freire, cuja obra explica as relações de poder entre educador e educando, e suas implicações (RODRIGUES, 2019).

Com base em PLOEG (2008), em seus estudos para caracterização dos agricultores, é possível identificar a aproximação das comunidades aqui citadas com a agricultura camponesa. A partir do estudo de vários locais do mundo, PLOEG propõem a identificação de uma dinâmica de agriculturas entre três principais grupos, sendo: a agricultura camponesa, a agricultura empresarial e a agricultura capitalista. A agricultura camponesa tem como força de trabalho a mão de obra familiar, sendo caracterizada pelo processo de coprodução entre o homem e a natureza, ou seja, os recursos sociais e naturais são reconfigurados em uma dinâmica constante, buscando a construção e a manutenção de sua base de recursos; a lógica do grupo busca a redução da dependência externa com a conseqüente luta pela autonomia; são perceptíveis padrões de cooperação social e a pluriatividade é utilizada como estratégia de sobrevivência (PLOEG, 2008).

Esta identidade é corroborada por autores que estudaram a região e identificam a articulação entre produção agrícola, conhecimento e uso da sociodiversidade e diversificação de estratégias de venda e troca. Como os inúmeros quintais produtivos, sítios de ampla agrobiodiversidade (GARROTE, 2004); o manejo ecológico da palmeira juçara para obtenção dos frutos para produção de polpa (STRAUCH, 2020); as estratégias de produção e crescimento do máximo valor agregado possível (VAN DER PLOEG, 2008, pág. 60) - Ações comunitárias que buscam evitar a ruptura da lógica social e a valorização dos mercados acima das relações sociais. (COTRIM apud PLOEG 2008)

A estruturação de roteiros de TBC requer articulação, não só entre os diversos atores, serviços e produtos locais, mas também com o mercado. Neste sentido, para estabelecer uma estratégia para roteirização de vivências de turismo de base comunitária consideramos a necessidade de uma visão sistêmica de seus componentes e da articulação entre diversas cadeias produtivas – agrícola, turística e cultural. O conceito de Arranjos Socioprodutivos Locais foi bastante útil para estruturação de nossa ação em campo. O conceito, como discutido por Sampaio, é claramente compatível com o modo de vida camponês que caracteriza as comunidades da Rede Nhandereko.

Segundo Sampaio “a ideia central dos arranjos socioprodutivos é proporcionar o desenvolvimento de iniciativas singulares a partir de uma organização mais coletiva que articula internamente os diversos empreendimentos e externamente com o mercado e com os turistas” (SAMPAIO; ALVES; FALK, 2008). (p. 48-49).

A abordagem dos desafios apresentados a partir dessa visão sistêmica, como proposto por Sampaio, amplia nosso entendimento sobre as potencialidades do trabalho e facilita a ligação com processos anteriores de desenvolvimento da agroecologia realizados na região. Tal conceito também nos permite incluir, no diálogo com as iniciativas, questões até então pouco abordadas, relacionadas aos efeitos negativos das atividades, especialmente sobre aquelas famílias não beneficiadas diretamente, como: a privatização do espaço coletivo, o aumento da circulação de pessoas externas, o aumento do lixo e a menor privacidade.

O conceito de arranjo socioprodutivo é apresentado e discutido com objetivo de dar concretude à necessidade de envolvimento consistente de um grupo de iniciativas e pessoas, como fundamental para articulação de um roteiro dentro dos princípios do TBC. Neste sentido, o conceito também é bastante útil para promover a discussão sobre princípios de TBC.

Considerando, como discute Silva (2013), que mesmo com todas essas potencialidades, que sinalizam para a sustentabilidade da atividade, observa-se que posições simplistas podem “pintar” um tipo de “turismo ideal” sem considerar uma série de conflitos tendo em vista as dificuldades de inclusão de uma parcela das pessoas das comunidades nas atividades produtivas. Nesse caso, em um contexto micro, o turismo de base comunitária pode reproduzir a lógica de “exclusão” no campo do turismo. Mesmo em localidades onde o modelo comunitário é apontado como um caso de sucesso, em algumas delas os interesses das comunidades em relação ao turismo estão longe de ser homogêneos. Seria um equívoco afirmar que o turismo de base comunitária não acarreta tensões e conflitos internos e continua difundindo uma ideologia “romantizada” do ideal comunitário (FORTUNATO; SILVA, 2013).

Segundo Burgos, esses dados são condizentes com outros estudos que apontam à necessidade de desmitificar a ideia de coletividade no TBC, uma vez que o turismo de base comunitária envolve, em geral, apenas uma parcela dos membros da comunidade” (BURGOS; MERTENS, 2016).

Na experiência com o desenvolvimento de metodologias para a estruturação de roteiros buscamos incluir espaços de gestão para negociação de acordos e tomada de decisão sobre oportunidades e prioridades, com participação de comunitários não envolvidos nos empreendimentos singulares e não beneficiados pelos impactos positivos, mas potencialmente atingidos pelos impactos negativos do turismo sobre a comunidade como um todo.

As metodologias identificadas deveriam apoiar a ampliação da participação. Na prática verificamos que a ampliação da participação deve, ao mesmo tempo, minimizar o uso do tempo disponível dos atores, visto que o excesso de reuniões é visto como um problema. Neste sentido, buscamos garantir a participação como estratégias de mobilização, considerando os seguintes níveis. (i) as consultas individuais aos atores, no âmbito das atividades de assessoria da equipe técnica às famílias e empreendimentos; (ii) a participação da coordenação da rede e coordenadores comunitários no planejamento das ações e (iii) a participação ampla em atividades coletivas, mobilizadas a partir das visitas individuais.

Ao longo das oficinas utilizamos diversas ferramentas visuais como instrumento prático para otimizar o tempo e a comunicação entre os envolvidos. Garantir a visibilidade dos combinados celebrados ao longo das atividades é importante. Em anexo, na página 82, apresentamos esquemas simplificados das metodologias, que citamos abaixo:

(i) o método ZOPI que procura garantir o registro por escrito e a permanente visualização das ideias, por meio do uso de tarjetas. O uso de tarjetas de cartolina de tamanho limitado garante a concisão das ideias e permite que após a proposição inicial o grupo reagrupe as mesmas tarjetas e priorize. É utilizado para o planejamento participativo nas mais diversas áreas. O nome é uma sigla em alemão que significa - Planejamento de Projeto Orientado por Objetivos.

(ii) Matriz SWOT ou Análise FOFA – Seu nome é o acrônimo das palavras – fortalezas (F), oportunidades (O), fraquezas (F) e ameaças (A) – A ferramenta é recomendada para planejamento e reformulação de estratégias. Permite avaliar cenários e analisar o ambiente interno em relação ao ambiente externo de uma organização. As palavras são distribuídas em quatro quadrantes, que destacam: verticalmente - fatores internos (FF); fatores externos (OA); horizontalmente – pontos fortes (FO), pontos fracos (FA). Anexo X

(iii) Matriz de Planejamento – indicado para planejamentos, definindo responsáveis e prazos. Utiliza as seguintes perguntas para planejamento em uma matriz.

O que? Qual é o problema

Como? Como resolver o problema

Quem? responsável

Onde? Onde

Quando? prazo

Resultado? Na avaliação

Outra ferramenta importante que utilizamos ao longo das oficinas foi a chuva de ideias (brainstorm). Esta técnica utilizada para estimular diálogos, estabelece regras básicas para um debate, as quais são apresentadas aos participantes. São elas: (i) uma fala de cada vez; (ii) Não critique nem julgue; (iii) encoraje as ideias doidas; (iv) construa sobre as ideias dos outros; (v) seja visual; (vi) mantenha o foco – fique no assunto proposto; (vii) quantidade importa – traga bastante ideias. Para expressar os resultados da chuva de ideias utilizamos o método ZOPI.

Ao longo do processo de formação realizado por meio das Partilhas, buscamos aprofundar as discussões e elaborar princípios que permitissem ao próprio coletivo de comunidade certificar iniciativas comunitárias e produtos comercializados no âmbito da Rede

de Nhandereko. As avaliações realizadas se inspiraram nos processos de certificação participativa, nos Sistema Participativo de Garantia – SPG, especialmente as metodologias para validação da conformidade da produção orgânica proposta pelas Organizações de Controle Social – OCS, como previsto em seu decreto de criação (DECRETO Nº 6.323, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2007).

A legislação brasileira para avaliação da conformidade orgânica inova ao estabelecer a possibilidade de certificação por pares. Um grupo de agricultores, a partir do estabelecimento de acordos prévios e à luz da legislação vigente, pode com relativa autonomia se auto certificar. Não obstante a consolidação desta estratégia deveria ser precedida da elaboração de sua carta de princípios, o que aconteceu em 2018.

Não obstante, desde o início, a Partilha incluía a: a vivência, a avaliação e recomendações às atividades de TBC da comunidade anfitriã.

A valoração dos serviços comercializados é um dos desafios a serem enfrentados. Para precificação utilizamos parte da metodologia utilizada pela CAPINA, no âmbito dos Estudos de Viabilidade Socioeconômica. Essencialmente utilizamos o Passo a Passo. Metodologia que preconiza o detalhamento das atividades necessárias à confecção de um produto, incluindo serviços e insumos necessários. Após o detalhamento, os itens são individualmente valorados com inclusão de custos de insumos e definição do custo do tempo trabalhado. Para estabelecer o preço de venda, são incluídos ao valor apurado, percentuais necessários ao custeio de itens como: depreciação, manutenção, percentual de venda, impostos e margem de lucro.

A utilização da metodologia pressupõe a discussão de conceitos como depreciação e outros citados acima. O passo a passo tem uma etapa importante que é a identificação de itens não visíveis inicialmente. É bastante comum o grupo não incluir alguns itens no preço, o que é utilizado para aprofundar a discussão. No caso do TBC destacamos a invisibilidade, ou por vezes a desvalorização de serviços essenciais, como a coordenação geral das atividades e os serviços de venda e agendamento.

O turismo de base comunitária pretende promover a autonomia, estimular a colaboração, a solidariedade e a reciprocidade entre os empreendimentos comunitários e a Partilha se presta muito bem para estabelecer empatia e confiança entre os atores envolvidos. As especificidades das comunidades tradicionais, suas relações diferenciadas com a natureza e especialmente com

seu território, seu legado ancestral, cultural e organização social particular, constituíram-se na linha de base que nortearam a adaptação da metodologia, de forma a respeitar e valorizar os conhecimentos locais, bem como estabelecer fluxo de comunicação com técnicos onde o conhecimento científico e o conhecimento empírico não são hierarquizados.

Ao longo das ações de assessoria à Rede buscamos aprofundar o conhecimento e garantir a apropriação dos diversos conceitos relacionados à prática do TBC pelos participantes. Da mesma forma verificamos a importância do envolvimento das comunidades na discussão, bem como na implementação de um conjunto de acordos, mesmo informais, relativos à qualidade dos produtos oferecidos pelos empreendimentos singulares.

Por princípio, o TBC além da gestão compartilhada, da valorização da cultura e do diálogo geracional tem a conservação do ambiente e dos conhecimentos associados ao uso da sociobiodiversidade, como elementos centrais. Sua implementação garante que o esforço de cada trabalhador leve em conta sua pegada ambiental, substituindo ocupações com resultados predatórios por outras mais sustentáveis.

Apresentamos a seguir cartazes das Partilha realizadas e conteúdos discutidos. (Figuras 3 a 10). As Partilhas 01, 02 e 03 foram iniciativas de intercâmbio onde surgiu a ideia de consolidar uma estratégia metodológica para promoção do TBC entre as comunidades articuladas ao FCT. Cada Partilha tratou de um diferente conteúdo temático. Foram realizadas no ano de 2016, no âmbito do Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina – OTSS/ FIOCRUZ.

Partilhas 04, 05 e 06 realizadas no ano de 2017, com recursos de dois projetos. O Programa de Capacitação e Aceleração do Desafio BIG, realizado pelo INE/FAO e o edital do ICMBIO/PNUD em apoio às iniciativas de TBC em Unidades de Conservação. Nesses eventos testamos a metodologia da Partilha, após revisão conceitual. Por fim, nas Partilhas 07 e 08, realizadas com recursos do Edital ICMBIO/PNUD, citado acima, ocorridas no ano de 2018, o planejamento estratégico da Rede e uma última Partilha.


PARTILHA
 Turismo de Base Comunitária

**QUALIFICANDO ROTEIROS
 E EMPREENDIMENTOS LOCAIS**

**Oficinas de desenvolvimento do roteiro turístico &
 empreendimentos do Quilombo do Campinho da Independência.**

A Formação tem como objetivo a partilha de experiências e o desenvolvimento de habilidades em Turismo de Base Comunitária, das pessoas e empreendimentos, incorporando estratégias de inovação social e governança. O Desafio é qualificar o roteiro e ampliar a participação. Contamos com sua presença!

20 E 27 - AGOSTO | 9H | QUILOMBO DO CAMPINHO - BR 101 - KM588

Realização



Figura 3 – Cartaz da Partilha 01 - Tema: Qualificando roteiros e empreendimentos. Fonte: Comunicação OTSS



PARTILHA
Turismo de Base Comunitária



Contação de História - Dona Mirtida - Quilombo do Bracuí

O MAR SOBE O SERTÃO TBC E RESISTÊNCIA CULTURAL

Venha vivenciar um roteiro de Turismo de Base Comunitária (TBC) no Quilombo Santa Rita do Bracuí. "O Mar sobe o Sertão" é uma Partilha de TBC, atividade que propõe o intercâmbio e geração de conhecimento entre comunidades tradicionais e parceiros.

≡ ESTA PARTILHA FAZ PARTE DO AGOSTO CULTURAL 2016 ≡

VAGAS LIMITADAS – INSCRIÇÕES NA TURISANGRA
Avenida Júlio Maria, 10, Centro. Tel: 24 3367 7789

31-AGO-2016 - QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ - ANGRA DOS REIS
Essa atividade compõe o Programa de Turismo de Base Comunitária da Fundação de Turismo de Angra dos Reis

Realização

ARQUISABRA
Associação dos Remanescentes de Quilombos Santa Rita do Bracuí

ACIBRA
Associação Comunitária Inálgene Bracuí

ABAR
Associação de Banqueiros

CULTUAR

TURISANGRA
FUNDAÇÃO DE TURISMO DE ANGRA DOS REIS

SAPÊ
Programa Sapele de Proteção ao Patrimônio

OBSERVATÓRIO DE TEMAS TRADICIONAIS E BAUDAVIOS DA SOCIEDADE

Ministério da Saúde
FUNASA
Fundação Nacional de Saúde

FORUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS

Ministério da Saúde
FUNASA
Fundação Nacional de Saúde

SUS

Figura 4 - Cartaz da Partilha 02 - TBC e Resistência Cultural. Fonte: Comunicação OTSS.


PARTILHA
 Turismo de Base Comunitária

Pescos de cerco - Trindade - Paraty

COSTURANDO REDES
 DAS PRÁTICAS AOS PRINCÍPIOS DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

A Partilha "Costurando Redes - Das práticas aos princípios do Turismo de Base Comunitária" pretende promover o diálogo entre diferentes experiências em TBC, buscando estabelecer acordos e princípios. Convidamos para colaborar a Professora Teresa Mendonça, do Departamento de Administração e Turismo do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ.

29-SET-2016 • 9H • SEDE DA AMOT • TRINDADE • PARATY

Realização



OBSERVATÓRIO
de Políticas Culturais e
Sociais da UFRJ



FÓRUM DE
COMUNIDADES
TRADICIONAIS



FUNASA
Ministério da Saúde
Fundação Nacional da Saúde



SUS



AMOT
TRINDADE

Figura 5 - Cartaz da Partilha 03 - Tema: Das Práticas aos princípios do TBC. Fonte: Comunicação OTSS

**TURISMO
DE BASE
COMUNITÁRIA**

FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS
16.000 • 17.000 • 18.000 • 18.1



CONSTRUINDO IDENTIDADE E FORTALECENDO VÍNCULOS

PROCESSO DE FORMAÇÃO EM TBC

O processo de formação em TBC será realizado ao longo de três oficinas mensais de dois dias, nos meses de outubro, novembro e dezembro. A metodologia propõe aos participantes vivenciarem os roteiros de TBC realizados pelas comunidades de Trindade, Campinho e São Gonçalo para a partir de suas práticas discutir, temáticas importantes para seu desenvolvimento como: identidade cultural, meio ambiente, comunicação e as estratégias de funcionamento dos empreendimentos.

3 E 4 DE OUTUBRO/2017 – TRINDADE – PARATY

Realização: **REDE DE TBC DO FCT**

Apoio:

OBSERVATÓRIO DE TEMÁTICAS CULTURAIS, EDUCATIVAS E SOCIAIS

MUSEU DO Povo

FUNASA

SUS

BIG

4.000

Figura 6- Cartaz da Partilha 04 - Tema: Construindo identidade e fortalecendo vínculos.
Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

**TURISMO
DE BASE
COMUNITÁRIA**

FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS
2016 - PARATY - RJ



Partilha de TBC do FCT

CONSTRUINDO IDENTIDADE E FORTALECENDO VÍNCULOS

PROCESSO DE FORMAÇÃO EM TBC

No segundo módulo do processo de formação de TBC além de vivenciar o roteiro da comunidade de São Gonçalo, retomaremos a discussão sobre os princípios para a organização da Rede de TBC do FCT, com objetivo de desenhar sua carta de princípios. Discutiremos também o modelo de negócios para uma Central de comercialização de serviços e produtos ligados a Rede de TBC. Esperamos vocês lá!

13 E 14 DE NOVEMBRO/2017 – SÃO GONÇALO – PARATY

Realização: **REDE DE TBC DO FCT**

Apelo: **OBSEVATORIO** Observatório de Políticas Públicas e Sociedades em Transformação

SECRETARIA DE CULTURA SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FUNDAÇÃO Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

SUS SUS

PARATY PARATY

CAIRUCU CAIRUCU

Associação de Moradores e Produtores Rurais de São Gonçalo

Figura 7 - Cartaz da Partilha 05 - Tema: Construindo identidade e fortalecendo vínculos, 2017. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

**TURISMO
DE BASE
COMUNITÁRIA**

FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS
ALTOA - PARATY - UPUÍSSA



Partilha de TBC do FCT

CONSTRUINDO IDENTIDADE E FORTALECENDO VÍNCULOS

PROCESSO DE FORMAÇÃO EM TBC

Vivenciar o roteiro de Turismo de Base Comunitária do Quilombo do Campinho da Independência e partilhar experiências dos empreendimentos coletivos implementados na comunidade é a proposta desta última etapa do processo de fortalecimento da Rede de TBC do Fórum de Comunidades Tradicionais no ano de 2017. A programação também inclui a continuidade da discussão sobre os princípios norteadores da ação da Rede e a discussão das estratégias de continuidade em 2018. Contamos com a presença de todos os nossos parceiros!!

5 E 6 DE DEZEMBRO/2017 - QUILOMBO DO CAMPINHO - PARATY

Realização: Apoio:

REDE DE TBC DO FCT

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O TURISMO

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

SUS

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

PARATY

APA CARUPÓ

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

Figura 8 - Cartaz da Partilha 06 - Tema: Construindo identidade e fortalecendo vínculos. 2017. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.



Figura 9 - Cartaz da Partilha 07 - Planejamento Estratégico da Rede Nhandereko. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.



Figura 10 - Cartaz da Partilha 08 - Sustentabilidade Econômica de Roteiros de TBC. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

4.3. Metodologia da Partilha como estratégia para o desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária.

A metodologia da Partilha supri a demanda de formação e qualificação técnica das comunidades tradicionais da região de Paraty no âmbito da inclusão na economia do turismo. A metodologia incorpora os aprendizados acumulados desde o ano de 2016, quando passamos a identificar estratégias adequadas ao desenvolvimento do turismo de base comunitária. Conforme observam, Cortines e Cortez, as partilhas passaram a ser uma tecnologia nos processos de diagnóstico, identificação de roteiros e qualificação dos serviços (CORTINES A., CORTEZ, C. 2023).

Cada comunidade apresenta suas próprias características e interesses, os quais devem ser priorizados. Nesse sentido as referências conceituais discutidas na seção anterior buscam definir pressupostos para a atuação técnica. Com base nesses pressupostos, os atores técnicos e comunitários definirão as ferramentas metodológicas mais adequadas à realidade local.

Nos roteiros teste da Rede Nhandereko geralmente utilizamos dois dias para que o tempo seja suficiente para as seguintes atividades:

Primeiro dia – Roteiro teste

- Deslocamento do grupo até a comunidade (terrestre ou marítimo)
- Roteiro de turismo de base comunitária
- Refeição tradicional
- Hospedagem

Segundo dia

- Avaliação do roteiro teste pelos parceiros e convidados

Geralmente foram incluídos uma atividade cultural (na noite do primeiro dia) e uma discussão temática após avaliação no segundo dia.

A metodologia das partilhas pressupõe os seguintes passos metodológicos, apresentados no quadro abaixo:

Quadro 2- Quadro com etapas da metodologia da Partilha

Etapas	Objetivo	Pessoal envolvido (*)
1. Planejamento metodológico	Nivelar expectativas, conceitos e planejar as atividades. Definir responsabilidades entre os participantes	Equipe técnica, lideranças comunitárias, parceiros institucionais.
2. Visita de mobilização e diagnóstico	Identificar, mobilizar e gerar empatia no grupo. Identificar atrativos, serviços e trabalhadores disponíveis para a realização de roteiros de TBC.	Técnicos, articuladores locais, lideranças locais, empreendimentos.
3. Assessoria à estruturação do roteiro	Assessorar o detalhamento do roteiro, sua precificação, qualidade, identidade local.	Equipe técnica, coordenação local, empreendimentos, e demais trabalhadores envolvidos
4. Realização do roteiro teste	Realizar um roteiro para um grupo convidado que compartilhará suas experiências e avaliará o roteiro.	Coordenação local, equipe técnica, coordenação local, empreendimentos, trabalhadores envolvidos e convidados
5. Construção de repertórios de comunicação	Promover levantamento fotográfico e em vídeo, gerar matérias jornalísticas e materiais de comunicação.	Equipe técnica

4.3.1. Planejamento metodológico

O primeiro passo é o planejamento metodológico. Nessa etapa deve se reunir o conjunto de atores interessados na promoção do TBC, como: as lideranças da comunidade objeto do trabalho, técnicos de assessoria e parceiros institucionais. A ação deve ser motivada pelo interesse da comunidade. Desta forma, desde o início é importante fomentar a criação de um coletivo local com a responsabilidade de promover a articulação local dos atores. Esse grupo responsável deve ser empoderado pelas atividades.

O grupo deve levantar as expectativas em relação à atividade; promover o diálogo com vistas a nivelar o entendimento sobre o conceito de TBC e planejar detalhadamente as etapas do processo. A mobilização desse conjunto de atores e parceiros deve resultar na construção da proposta de ação de forma coletiva, garantido a avaliação conceitual contínua.

O grupo deverá identificar as atividades necessárias, verificar seus custos e dividir as responsabilidades sobre as tarefas. Caberá à equipe técnica desde o início promover a participação e o intercâmbio entre o conhecimento técnico e o conhecimento empírico dos comunitários envolvidos.

O grupo deve ser o embrião de uma instância de governança local das atividades de TBC, nesse sentido deve buscar se estruturar de forma a garantir a transparência das decisões, o acesso de todos a sua prestação de contas, a equidade na participação e o compartilhamento das responsabilidades.

O grupo deve antecipar as etapas seguintes e formalizar uma coordenação local para o trabalho, definir quais elementos poderão ser identificados no diagnóstico, quais atrativos e serviços já estão identificados, qual a qualidade dos serviços oferecidos no momento e quem deve ser mobilizado no diagnóstico.

As atividades demandam recursos técnicos e financeiros e a profundidade do trabalho será função da disponibilidade desses recursos.

4.3.2. Visitas diagnósticas

As visitas diagnósticas são estruturadas com objetivo de apoiar os coordenadores locais na mobilização do arranjo socioprodutivo articulado ao roteiro, ou com potencial de participação. As visitas diagnósticas impulsionam a participação, na medida que aportam experiências concretas nas discussões com o conjunto de atores, dando maior clareza ao processo de estruturação de um roteiro de TBC e aos conceitos.

Devem cumprir três papéis: mobilizar a comunidade, levantar atrativos e serviços com potencial para compor um roteiro de TBC e identificar demandas para desenvolvimento de habilidades.



Foto 7- Sebastião, produtor de cachaça na comunidade de São Gonçalo, visita diagnóstica, em 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

A mobilização deve incluir atores relevantes para a prática do TBC, ou seja: lideranças comunitárias, anciãos, guias, agricultores, artesãos, empreendimentos familiares, coletivos ou individuais.

Em função das características da ação ou projeto em curso, os resultados desse diagnóstico de avaliação preliminar podem gerar ações de assessoria estruturadas para o desenvolvimento dos empreendimentos (formação de preços, ferramentas básicas de gestão, comunicação, entre outros); desenvolvimento de habilidades de guias, grãos no desenvolvimento dos roteiros.

As ferramentas metodológicas mais utilizadas são: o Diagnóstico Rápido Participativo; os questionários semiestruturados; a bola de neve (cada entrevista inclui indicações de novos entrevistados). As visitas devem incluir momentos individuais e coletivos, para entrevistas e discussão das propostas. Em geral, inicialmente realizamos visitas individuais, quando são feitos convites para participação em oficina coletiva.

A oficina coletiva inclui a discussão de princípios de TBC, mas essencialmente a coleta de sugestões para a estruturação do roteiro de TBC. O que inclui definir um rol de atividades e serviços disponíveis - as tarefas exigidas, as pessoas necessárias (por exemplo na produção da logística de chegada, na recepção, nas rodas de conversa, para orientação nas trilhas, na hospedagem). O levantamento e discussão das propostas ajuda o grupo a aprofundar na conceituação do TBC. Os resultados dessa etapa serão aprofundados na etapa seguinte.

4.3.3. Assessoria a estruturação de um roteiro de TBC



Foto 8- Partilha de TBC na comunidade do Sono, Paraty, 2018. Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

Em geral, a disponibilidade de produtos e serviços, aptos a inclusão em um roteiro de TBC, são superiores ao conteúdo necessário a um único roteiro comercial. Desta forma, assessorar a definição dos conteúdos é importante, garante unidade da proposta e sua realização no tempo e no espaço.

A assessoria deve dar visibilidade a potenciais que podem estar ocultos num primeiro momento. Por exemplo, elementos imateriais invisíveis de tão comuns, ou materiais, como artesanatos já pouco valorizados localmente. A mística é fundamental nos roteiros de TBC, nesse sentido, a assessoria deve garantir o valor adequado à presença dos anciãos e dos valores comunitários.

A depender do escopo de uma ação de assessoria, o resultado da etapa 01 pode gerar um programa de desenvolvimento de habilidades. Caso seja possível, nossa recomendação é para o uso de estratégias de formação em serviço. Ou seja, acompanhamento dos empreendimentos e do grupo de gestão em ações práticas e de acordo com suas necessidades do dia a dia.

Caso haja limitação à implementação de um programa de qualificação aprofundado, a assessoria deve se dedicar junto ao grupo, ou a coordenação local do roteiro, para definição do passo a passo do roteiro, definição dos componentes, dos responsáveis, dos tempos e sua precificação.

A valoração dos produtos e serviços é elemento central para o sucesso dos roteiros e seu assessoramento deve garantir a maior transparência do processo entre os participantes. Da mesma forma propor a desconcentração entre famílias, caso ocorra. Além disso, o preço justo deve ser valorizado.

Definida a estrutura básica do roteiro de TBC, sugerimos a criação de um grupo de coordenação, sendo necessário detalhar suas necessidades em estrutura e investimento prévio. Os serviços são definidos de forma compartilhada, entre todos envolvidos no processo, seja a preparação de um cardápio, o testemunho/memória apresentado por um griô, ou trajeto de um passeio de barco, etc.

A roteirização parte do levantamento dos ativos naturais e culturais, das estruturas logísticas e de serviço disponíveis. Esse levantamento é feito no momento do diagnóstico. Considerando os limites logísticos e de tempo, são estruturados um ou mais roteiros. Uma das possibilidades é a estruturação de roteiros modulares a serem definidos pelo cliente na pré-venda. Por exemplo, como é feito no roteiro do Quilombo do Campinho que dispõe de uma estrutura básica – recepção e contação de história - e um conjunto de atividades opcionais, como: oficina de cestaria, oficina de plantio de agrofloresta, oficina de jongo.

Transformando a diversidade de oferta de atrativos, recepção e vivência dos visitantes em uma plataforma de turismo de base comunitária (CORTINES A., CORTEZ, 2023)

Neste caso, as possibilidades devem compor um “cardápio” a ser apresentado aos interessados. O coletivo de TBC do Quilombo do Campinho da Independência, por exemplo, estabeleceu alguns elementos “dos quais a comunidade não abre mão”. São aqueles momentos em que a comunidade apresenta a história de como chegaram até aqui e as regras e acordos de convivência para permanência dos visitantes.

A administração do tempo é elemento essencial ao roteiro. Seu desenvolvimento se dá na prática, não obstante o grupo precisa definir e controlar em cada etapa. Na prática é importante contar com uma pessoa para cuidar disso. A execução de um roteiro de TBC também vai demandar preparativos como a disponibilidade de banheiros, a jardinagem e a limpeza dos caminhos e a comunicação prévia com a comunidade não envolvida.

Boa parte dos coletivos de TBC, a princípio, desconhecem a importância de uma coordenação para sua implementação. Neste sentido, o detalhamento do passo a passo da proposta é uma etapa importante. Esse trabalho é feito detalhando em conjunto com o grupo cada momento do roteiro, identificando o tempo necessário e responsáveis. A partir desse levantamento, a assessoria deve buscar identificar as etapas que, embora necessárias, não foram visualizadas.

Assim como proposto pela CAPINA, identificar e temporizar o passo a passo das atividades que compõem o roteiro, inclusive demandas anteriores ao dia de sua realização (como os contatos comerciais), permite visualizar seus componentes e precificá-los. O exercício trará à tona serviços anteriores à realização do roteiro como os contatos de venda e agendamento, incluindo todo o diálogo necessário ao fechamento de um pacote pelo cliente, a coordenação do processo como um todo, trabalhos de limpeza dos acessos e demais preparativos.

Nesta etapa, várias ferramentas metodológicas podem ser utilizadas, sempre buscando sua visualização. Destacamos: o passo a passo como proposto pela CAPINA para elaboração dos EVE (detalhamento de todas as etapas) e a chuva de ideias. A precificação do roteiro pressupõe a existência de preço para seus diferentes componentes. Nesse item, o

aprofundamento vai depender do escopo da atividade. Assim como para o roteiro como um todo, o passo a passo pode ser utilizado para definição de preços unitários.

Todo esse trabalho deve chamar atenção para o potencial de desenvolvimento do arranjo socioprodutivo articulado pelo TBC. Esse conceito ajuda o grupo a visualizar o alcance de seu trabalho e a necessidade de criação de uma coordenação responsável pela sua implementação. Esse grupo de governança deve ser estimulado.

4.3.4. A realização do roteiro teste



Foto 9 - Avaliação do roteiro de TBC - Comunidade Caiçara do Sono, 2018. Fonte: Fonte: Acervo Rede Nhandereko.

As partilhas idealmente devem ser realizadas a partir do financiamento completo da atividade. Dessa forma é possível o exercício completo que inclui a definição dos preços, a realização e a avaliação posterior dos resultados econômicos.

Na partilha, como já descrito, a comunidade recebe um grupo para um roteiro de TBC. Ao final, o grupo avalia a atividade, com base em critérios pré-definidos, de forma a contribuir com o desenvolvimento do TBC da comunidade anfitriã.

Esta avaliação deve levar em conta potenciais limites e não deve desmotivar o grupo. Neste sentido, nas atividades da Rede Nhandereko definimos algumas temáticas a serem abordadas com a seguinte pergunta: “- O que desse roteiro que vivenciei eu levaria para experimentar em minha comunidade?”

Algumas temáticas de avaliação que utilizamos, são: qualidade dos meios de acesso, acolhimento, alimentação, beleza cênica, atrativos culturais, hospedagem.

Caso haja necessidade de aprofundamento em temáticas relacionadas ao TBC, a Partilha é um ótimo espaço de diálogo para isso.

4.3.5. Criação de repertório de comunicação



Foto 10- Ana Cláudia Martins, artesã. Coordenadora do roteiro de TBC no Campinho da independência, Paraty, 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko

As Partilhas como exercícios práticos devem promover o registro das atividades a fim de criar materiais de comunicação (foto e vídeo) que poderão ser usados na comunicação do roteiro de TBC.

Neste sentido, a equipe responsável pelo trabalho, dentro do possível, deve ser multidisciplinar. A inclusão de suporte jornalístico e de profissionais da área audiovisual, contribuirá para criação de referências, por meio de publicações.

4.3.6. Qualificação temática



Foto 11 - Prato tradicional, roteiro de TBC do Quilombo da Fazenda, Ubatuba, 2021. Fonte: Acervo Rede Nhandereko

As partilhas são momentos ricos de diálogo entre comunitários no âmbito do tema do turismo de base comunitária. A inclusão de momentos de debate temático contribui para a consolidação dos conceitos por meio de diálogo entre os participantes a partir da contribuição de pessoas com experiências temáticas específicas.

5. CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho descrevemos detalhadamente os conceitos que devem guiar profissionais que busquem assessorar comunidades tradicionais no desenvolvimento de atividades de turismo de base comunitária. Os conceitos são aqui apresentados com objetivo de permitir aprofundamento teórico, como subsídio a adaptação das metodologias à realidade de outras comunidades.

Os levantamentos realizados por esse estudo, no âmbito do arranjo socioproductivo engendrado pelo turismo de base comunitária na comunidade quilombola do Campinho da Independência demonstram sua relevância para a socioeconomia local, em termos de geração de trabalho e renda, ocupação de postos de trabalho dentro da comunidade, resgate e valorização cultural e intercâmbio entre gerações e valorização do trabalho das mulheres.

No Quilombo do Campinho em 2016, cerca de 42% da população local se beneficiou direta ou indiretamente das atividades realizadas pelo TBC. A atividade ocupa 107 trabalhadores e naquele ano sua realização gerava cerca de 128 postos de trabalho permanentes e temporários. A oportunidade de trabalhar na comunidade tem gerado novos espaços de integração e oportunidades de trabalho em tempo parcial na agricultura, no artesanato, entre outros. Da mesma forma possibilita maior tempo para o convívio familiar.

Ao longo do trabalho foi possível realizar experiências de adaptação e aperfeiçoamento da proposta metodológica da partilha. A metodologia se mostrou adequada a promoção de intercâmbios de experiências e fortalecimento dos vínculos entre as comunidades envolvidas. Ao final do período analisado neste estudo, a estratégia foi capaz de fortalecer as iniciativas realizadas localmente e de promover uma articulação em rede que culminou com a criação da Rede Nhandereko de turismo de base comunitária.

A construção de uma Carta de Princípios da Rede gerou unidade e propiciou a continuidade a partir de um guia comum. Sua elaboração levou em conta o conceito de construção do conhecimento agroecológico, tendo promovido diagnósticos, sistematizações e debates sobre o turismo de base comunitária e conceitos correlatos. Promovendo o desenvolvimento de habilidades de seus participantes.

A principal estratégia adotada para o desenvolvimento de habilidades dos trabalhadores dos empreendimentos foi adaptada a partir dos Estudos de Viabilidade Socioeconômica,

propostos pela CAPINA. A metodologia foi importante para qualificar a gestão a partir do uso dos dados gerenciais para o planejamento dos empreendimentos. O passo a passo, metodologia que compõe o método foi adotada para a precificação de diferentes produtos e serviços.

A qualidade do processo de mobilização dos envolvidos se mostra relevante e com resultados na participação. Destacamos a importância do empoderamento da equipe de coordenação ou do coordenador local, responsável pela articulação na comunidade. Não obstante, o envolvimento da equipe técnica neste momento mostrou bons resultados. A partir desta constatação incluímos em nossa prática, no âmbito das visitas diagnósticas, a visita em todas as casas e empreendimentos que se pretende envolver para realizar convites individuais.

O fortalecimento da tradicionalidade e a realização de roteiros turísticos de base comunitária sozinhos não se mostram capazes de promover participação e equidade. A busca por espaços de governança permanece como um desafio importante, embora as iniciativas tenham gerado a mobilização de novos empreendimentos e a ampliação de sinergia antes inexistente entre empreendimentos, especialmente no Quilombo do Campinho.

Todo o processo tinha como pano de fundo o desenvolvimento de iniciativas turísticas, o que incluía o desenvolvimento de habilidades em relação à comunicação em geral. O mercado turístico se mostra extremamente exigente nesse quesito. Paralelamente ao processo de formação foi extremamente importante garantir o acompanhamento fotográfico profissional e desta forma a geração de repertório audiovisual (foto e vídeo). Da mesma forma foi bastante positivo, em boa parte das atividades, a inclusão de esforço adicional para geração de publicações em veículos de comunicação diversos. Todo esse material documental foi repassado aos grupos para geração de outros materiais de comunicação. Adicionalmente cabe discutir a importância do uso de material de comunicação de qualidade, no campo do fortalecimento da auto estima dos envolvidos.

A utilização das estratégias de auto certificação e garantia, a partir da inspiração no Sistema Participativo de Garantia – SPG, se mostrou bastante promissora, apesar de não obter resultados concretos em termos de certificação até o momento.

As iniciativas de TBC promovidas pelas comunidades articuladas à Rede Nhandereko se intensificaram no período e a Rede passou a ser ator conhecido e atuante em todo o Brasil. A ausência de assistência técnica qualificada e continuada parece ser um dos entraves ao

desenvolvimento local, assim como na ampliação do alcance da agroecologia e do TBC para promovê-lo.

Dadas as características da região, o TBC se mostra como importante instrumento para o desenvolvimento local, ensejando o desenvolvimento contínuo de estratégias apropriadas de assistência técnica. Após mais de trinta anos de sua adoção prática a agroecologia, como ferramenta técnica e social de desenvolvimento, passou a ser incorporada em instituições de ensino e extensão. O turismo de base comunitária apresenta grande potencial de promover o desenvolvimento de comunidades rurais, o que sugere sua incorporação entre as estratégias de assessoria e financiamento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo de base comunitário em Paraty surge como oportunidade de reconhecimento de valores locais e compartilhamento de experiências vivenciadas no dia a dia das comunidades. Este processo foi possível na região de Paraty, graças a etapas anteriores de valorização dos conhecimentos locais, o auto reconhecimento dos envolvidos como atores da cadeia turística e resgate da autoestima dos comunitários e o reconhecimento de sua luta e resistência ao longo da história dessas comunidades.

Termino esse trabalho com clareza sobre o potencial do turismo de base comunitária para a promoção do desenvolvimento local sustentável. Mesmo considerando os resultados desastrosos para as comunidades locais que o desenvolvimento do turismo no litoral brasileiro - especialmente a partir dos anos setenta, com base no turismo de massa e nos grandes negócios - trouxe para as populações locais em termos de aumento das desigualdades e expulsão de territórios.

O turismo de base comunitária é uma forma de organização da atividade turística capaz de promover o desenvolvimento local e sustentável em comunidades com moldes de produção campesina. Considerando que tais comunidades guardam formas singulares de se relacionar com seu ambiente, regidas por bases culturais tradicionais. A implementação de um roteiro de TBC, com respeito aos princípios do TBC (como os definidos pela Rede Nhandereko) só é possível a partir da articulação de um grande número de pessoas e empreendimentos. Dessa forma, sua realização pode promover o desenvolvimento local a partir de seus potenciais

produtivos e suas habilidades e impulsionar um vigoroso arranjo socioprodutivo e fortalecer a cultura, as relações intergeracionais, o conhecimento associado ao uso da biodiversidade e a conservação do ambiente.

Desse modo, o desenvolvimento do TBC pode compor estratégias de fortalecimento da agricultura, da pesca artesanal, da cultura de forma sistêmica e promover a organização social. Sua incorporação, a exemplo da agroecologia, nas estratégias de desenvolvimento de comunidades rurais potencializaria o enfoque sistêmico e as conexões comerciais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1. Documentos oficiais:

BRASIL. Senado Federal. Constituição federal do Brasil de 1988, artigo 231. Brasília: Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_231_.asp#:~:text=231.,respeitar%20todos%20os%20seus%20bens.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Ministério do Meio Ambiente. Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT. Brasília: MMA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm

Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas - PNAP
https://antigo.mma.gov.br/estruturas/205/_arquivos/planonacionaareasprotegidas_205.pdf

BRASIL. Presidência da República. DECRETO Nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. Regulamenta a Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica, e dá outras providências. Brasília, 27 de dezembro de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/decreto/D11582.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2011.582%2C%20DE%2028,com%20atua%C3%A7%C3%A3o%20na%20agricultura%20org%C3%A2nica.

7.2. Publicações

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. Turismo de Base Comunitária, diversidade de olhares e experiências brasileiras. [s.l.] Letra e Imagem, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BURGOS, A.; MERTENS, F. As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. *Tourism & Management Studies*, v. 12, n. 2, p. 18–27, 2016.

BURSZTYN, R. B. O processo de comercialização do turismo de base comunitária no Brasil: desafios, potencialidades e perspectivas. *Revista Sustentabilidade em Debate - Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília*, v. 3, N.1, p. 97–116, 2012.

CONTI, B. R.; IRVING, M. DE A. Desafios para o ecoturismo no Parque Nacional da Serra da Bocaina: o caso da Vila de Trindade (Paraty, RJ). *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*,

v. 7, n. 3, p. 517–538, 2014.

CORTINES A., CORTEZ, C. Rede Nhandereko: Uma grande Partilha. Paraty, RJ: [s.n.]. 2023.

COTRIM, D.S.; DAL SOGLIO, F. Construção do Conhecimento Agroecológico: problematizando o processo. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 11, n. 3, p. 259–271, 2015.

COTRIM, D. S. O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico. [s.l.] Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, 2013.

FEITOSA, A. DE C. Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro. Instituto De Ciências Humanas E Sociais Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento, Agricultura E Sociedade “Rapazes Da Roça” Na “Cidade Grande”: Trabalho, Sociabilidade E Projetos. [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, 2006.

FORTUNATO, R. Â.; SILVA, L. S. Os conflitos em torno do turismo comunitário na Prainha do Canto Verde (CE). Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.6, n.1, p. 123–138, 2013.

FREIRE AG, FALCÃO, FCO. Agricultoras e agricultores experimentadores: protagonistas da convivência com o semiárido. Construção do Conhecimento Agroecológico. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v.10, n.3, AS-PTA, RJ. 2013

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Rio de janeiro: [s.n.].

HOLT-GIMÉNEZ, E. Campesino a Campesino: Voces de Latinoamérica - Movimiento Campesino para a Agricultura Sustentable, Canadá, 2006

GONSALES, P. Kit Design Thinking para Educadores, Versão em Português: Instituto Educadigital, tradução licenciada em Creative Commons Attribution, seguindo a orientação da IDEO, SP, 2014. <https://educadigital.org.br/>. Acesso em 20 de janeiro 2024.

HOLANA, L. A. Empresarização do turismo de base comunitária. Caderno Virtual de Turismo, v. 16, n. 2, p. 249–262, 2016.

KRAICHETE, G. Puxando o Fio da Meada: Viabilidade Econômica de empreendimentos associativos I. Rio de Janeiro: [s.n.]. 1998

KRAICHETE, G. VIABILIDADE ECONÔMICA DOS EMPREENDIMENTOS DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA: CONCEITOS BÁSICOS. (I. UCSal, SALVADOR, Eds.) Viabilidade e Sustentabilidade dos Empreendimentos da Economia Solidária. Anais...Salvador: 2016

KRAYCHETE, A. (ORGS. Economia dos Setores Populares: Sustentabilidade e Estratégias de Formação. São Leopoldo: OIKOS, 2007.

MATTOS, C. Expressões agroecológicas a partir de percepções socioambientais da agricultura tradicional e camponesa em Paraty-RJ. [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2011.

MONTEIRO, O. P. Turismo de Base Comunitária e Planos de Negócios : uma experiência participativa. [s.l: s.n.].

MONTEIRO, T. L. Ação política e afirmação territorial: turismo de base comunitária entre os caiçaras de São Gonçalo, Paraty, Rio de Janeiro Political action and territorial affirmation: community-based tourism among caiçaras from São Gonçalo, Paraty, Rio de Janeiro Action . Espaço e Economia, n. 7, 2015b.

Gollo et al. Caminhos agroecológicos do Rio de Janeiro. Caderno de experiências agroecológicas. 1ª edição, PACS/AS-PTA, RJ, 2449p.

PIMENTEL, A B, Dádiva e hospitalidade no sistema de hospedagem domiciliar, Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras. Letra e Imagem, 2009

SAMPAIO, C. A.; ALVES, F. K.; FALK, V. C. V. Arranjo socioprodutivo de base comunitária: interconectando o turismo comunitário com redes de comércio justo. Turismo Visão e Ação, v. 10, n. 02, p. 244–262, 2008.

SANTOS, B. DE S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos - CEBRAP, n. 79, p. 71–94, 2007.

STRAUCH, G. F. Redes sociotécnicas camponesas: inovações agroecológicas, autonomia, e articulação territorial em Paraty, estado do Rio de Janeiro. [s.l.] Universidad de Córdoba, 2015.

STRAUCH, G. F. A territorialização do capital e as estratégias de resistência camponesa em Paraty/RJ. The territorialization of capital and peasant resistance strategies in Paraty/RJ., Revista NERA, n. 51, p. 205–230, Presidente Prudente, SP 2020.

YIN, R. Estudo de Caso: Planejamento e métodos. 2o ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Oliveira, Fábio dos S. R.; Santos, Ronaldo dos; Corbelline, Luciano M.. “Protagonismo Juvenil e Manejo da Palmeira Juçara em comunidades quilombolas (AMOQC)”. In: Gollo, Alexandre et al. Caminhos Agroecológicos do Rio de Janeiro: cadernos de experiências agroecológicas.

AS PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, Rio de Janeiro, 250 p. 2014;

PLOEG, J. D. V. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre, editora da UFRGS, 372 p., 2008;

7.3. Matérias em revista, boletins e outros

Considerações sobre Fricção Interétnica. Recanto das Letras. Bianca Wild, 23/05/2007.
<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/498022>

Comissão Pró-Índio de São Paulo – CPI-SP. Direitos Quilombolas – Comunidades. São Paulo. <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/>

Koinonia - Observatório Quilombola. Rio de Janeiro.
(<http://www.koinonia.org.br/oq/quilombo.asp>).

7.4. Documentos de projetos e relatórios elaborados pelo ou com participação do autor

1. SANTIAGO, A.M. Processo de Formação em TBC - Acordos iniciais – Campinho da Independência. Paraty, Rio de Janeiro, agosto 2016.
2. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Carta de princípios da Rede Nhandereko de Turismo de Base Comunitária. Paraty: Rede Nhandereko/FCT/APA Cairuçu/ICMBIO, 2018.
3. SANTIAGO, A.M. Relatório final projeto plano de desenvolvimento do turismo de base comunitária: gerando renda com a cultura e proteção ambiental. Paraty: Desafio BIG/FAO/GEF/INEA, 2018.
4. SANTIAGO, A.M Diagnóstico Socioprodutivo do Restaurante do Quilombo do Campinho, Paraty, Rio de Janeiro, setembro de 2015.
5. SANTIAGO, A.M Planejamento Estratégico da Rede Nhandereko, Paraty, Rio de Janeiro, março de 2018
6. SANTIAGO, A.M Relatório de execução de projeto da Rede Nhandereko, Projeto BRA 023 ICMBIO/ PNUD, Paraty, Rio de Janeiro abril 2018
7. CORTINES, A. Projeto TBC- Fundo Social BNDES. Paraty, Rio de Janeiro maio, 2015

8. SANTIAGO, A.M Planejamento Estratégico do TBC do Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro, março de 2017
9. SANTIAGO, A.M Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro, janeiro 2017
10. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha casa de artesanato. Quilombo do Campinho, Paraty:OTSS/Fiocruz/FCT, 25 nov. 2016.
11. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B Relatoria Partilha Ilha Grande-TBC – Cinebola, Paraty, Rio de Janeiro, 2016
12. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B Relatoria Partilha Incubadora Paraty, Rio de Janeiro , abril 2016
13. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha qualificando roteiros e empreendimentos locais de TBC. Quilombo do Campinho da Independência, Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 20 ago. 2016.
14. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B Relatoria Partilha de São Gonçalo, Paraty, Rio de Janeiro, novembro 2017
15. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B Relatoria Partilha do Sono – ICMBIO/PNUD, Paraty, Rio de Janeiro – 2018
16. SANTIAGO, A.M. Relato partilha construindo identidade e fortalecendo vínculos. Trindade, Paraty:OTSS/Fiocruz/FCT, 03 e 04 out. 2017.
17. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha costurando redes: das práticas aos princípios de TBC.Trindade, Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 29 set. 2017.
18. SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato sobre a sustentabilidade econômica de roteiros de TBC. Praia do Sono, Paraty: Rede Nhandereko/FCT/APA Cairuçu/ICMBio, 03 e 04 jul. 2018

8. ANEXOS

8.1. Anexo 01 – Capas e Título de Documentos de Projetos e Relatórios Elaborados pelo Autor.

<p>Carta de princípios da Rede Nhandereko de Turismo de Base Comunitária</p> <p>Proposta em Janeiro 2018</p> <p>Conteúdo Introdução Quem somos Objetivos da Rede Valores Estratégias de governança</p>	<p>Carta de princípios da Rede – Nhandereko. Paraty Janeiro 2018</p>	
<p>Diagnóstico Produtivo do Restaurante do Quilombo Campinho da Independência</p> <p>Paraty, Rio de Janeiro. Setembro de 2015 Augusto Santiago</p>  <p>Figura 1 Vista geral do Restaurante do Quilombo e estacionamento</p> <p>1. Introdução</p> <p>O objetivo deste trabalho foi realizar um diagnóstico das estratégias de gestão do Restaurante do Quilombo, localizado na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência em Paraty no Estado do Rio de Janeiro. A metodologia utilizada para a sua realização foi adaptada das estratégias de formação dos empreendimentos populares e buscou garantir a participação de todos os membros do empreendimento em um processo de leitura da realidade e formação. A cada etapa de diagnóstico revisitamos as ferramentas de controle, ora para aperfeiçoá-las, ora para introduzir novas estratégias que permitam ampliar as informações gerenciais disponíveis e dar visibilidade aos "números" do empreendimento.</p> <p>A dinâmica singular do empreendimento foi sendo caracterizada a partir do olhar de seus membros e da busca pela viabilidade das relações que estabelece internamente ao</p>		<p>Diagnóstico Produtivo do Restaurante do Quilombo, Quilombo do Campinho da Independência. Paraty Setembro 2015</p>

**Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade
Quilombola do Campinho da Independência**

Augusto Santiago (Caju)

1. Apresentação

O objetivo deste trabalho é apresentar elementos sobre a dinâmica econômica da Comunidade do Quilombo do Campinho e um diagnóstico das iniciativas produtivas ligadas a cadeia de valor do turismo, com ênfase em três empreendimentos, o *Restaurante do Quilombo*, a *Casa de Artesanato* e o *Roteiro de Turismo de Base Comunitária – TBC*, que são geridos por coletivos e vinculados a Associação de Moradores do Quilombo do Campinho da Independência - AMOQC. Subsidiando o processo de discussão dos impactos da atividade turística sobre a comunidade, bem como a criação de espaços de governança e acordos sobre as estratégias de qualificação dos produtos e serviços oferecidos pelos empreendimentos.

Entre julho e Novembro de 2016 foi realizado na comunidade um processo de Qualificação do Turismo de Base Comunitária, envolvendo cerca de 30 pessoas, vinculadas a 16 empreendimentos, ou iniciativas culturais e agroecológicas. No mesmo período foi realizada assessoria direta as equipes do Roteiro de TBC e da Casa de Artesanato com elaboração de seus Estudos de Viabilidade Sócio Econômica, bem como foram revistas as recomendações e atualizados os números do Estudo de Viabilidade do Restaurante do Quilombo, realizados anteriormente em setembro de 2015.

Este Trabalho foi realizado com apoio do *Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba*, no âmbito do projeto *Observatório dos Territórios Sustentáveis e Saudáveis do Mosaico Bocaina*, realizado pela FIOCRUZ com gestão financeira da FIOTEC.

|

Diagnóstico Socioeconômico de Empreendimentos na Comunidade Quilombola do Campinho da Independência –
Paraty, março de 2017

1

Diagnóstico Socioeconômico
de Empreendimentos da
Comunidade Quilombola do
Campinho da Independência.
Paraty
2016

**Processo de formação em Turismo de Base
Comunitária**

Quilombo do Campinho da Independência – Paraty, RJ
Agosto 2016



Cada um de nós somos atores desse processo

“Pra mim é um grande prazer estar com cada um de vocês aqui, fortalecendo o trabalho de turismo de base comunitária. É um ramo que traz pra gente geração de renda, faz com que a gente se mantenha, não tenha que sair daqui, e trabalhar pra fora. Cada um de nós somos atores desse processo.” Daniele Elias.

Processo de formação em
TBC – Quilombo do
Campinho da Independência
Paraty
Agosto 2016.

Relatório de Atividades

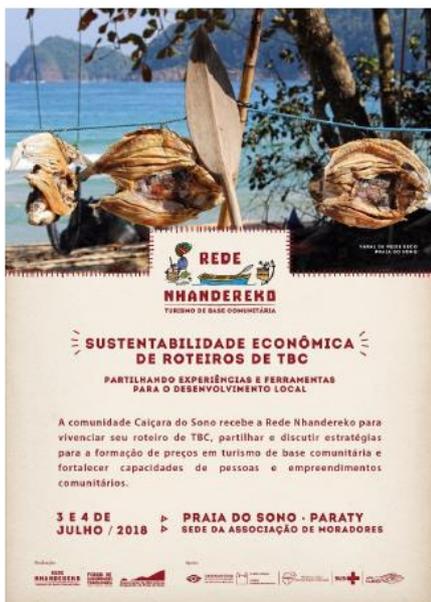
Relatório parcial de execução do Projeto: Nhandereko, nosso modo de ser: tecnologias sociais para o bem viver de comunidades tradicionais caiçaras, quilombolas e indígenas na APA Caiçuçu



Relatório de Projeto
APA PNUD
Oficina de Planejamento Rede
Nhandereko.
Paraty
Março 2018

Relatório de Atividades

Relatório parcial de execução do Projeto: Nhandereko, nosso modo de ser: tecnologias sociais para o bem viver de comunidades tradicionais caiçaras, quilombolas e indígenas na APA Caiçuçu



Relatório de Projeto
APA PNUD
Oficina de Trabalho
Comunidade Caiçara do Sono,
Paraty.
Abril 2018

Costurando a Rede
Fortalecimento da Rede de Turismo de Base
Comunitária do Fórum de Comunidades Tradicionais

Apresentação

O turismo é um dos mais importantes vetores de desenvolvimento econômico da costa verde, possivelmente o mais importante em termos de pessoal ocupado e efetivamente o maior em número total de empreendimentos envolvidos e público atendido. Embora o principal ativo turístico da região seja o ambiente é possível verificar que, salvo exceções a atividade é realizada sem preocupações ambientais. As atividades econômicas de um lado e a pobreza por outro estão entre as mais significativas causas dos problemas com impacto sobre a saúde da Baía da Ilha Grande e qualidade de vida nas cidades aí localizadas.

Entre as experiências mundiais de implementação do desenvolvimento sustentável em comunidades locais ou cidades sustentável o turismo tem tido grande destaque entre as oportunidades de implementação de cadeias produtivas e de negócios inovadores com preocupações ambientais e sociais. São relevantes as experiências de desenvolvimento local que lançam mão do turismo como vetor de desenvolvimento econômico justo, com valorização da cultura, respeito ao meio ambiente e as pessoas. Esta abordagem que valoriza as pessoas e relações mais saudáveis com o meio ambiente pressupõem o território como sua base e o desenvolvimento local como princípio para sua implementação. Considerando a importante contribuição das Unidades de Conservação para manutenção da biodiversidade, cabe ressaltar a relevância do turismo, quando sustentável, para superar o principal desafio que se mantém em sua gestão, qual seja o envolvimento do homem, em apoio ao estado, em sua conservação.

A Rede de Turismo de Base Comunitária do Fórum de Comunidades Tradicionais

A Rede de Turismo de Base Comunitária é uma iniciativa do Fórum de Comunidades Tradicionais Caiaras, Quilombolas e Indígenas de Angra, Paraty e Ubatuba que reúne diversas comunidades, empreendimentos coletivos, individuais e familiares espalhados por comunidades tradicionais desses municípios. Ainda que as iniciativas guardem entre si consideráveis diferenças, em relação à estrutura disponível e experiência vale destacar suas similaridades e acúmulos relacionados à implementação dos princípios do TBC, quais sejam: A luta pelo território, busca de vida digna e manutenção no território, reprodução dos meios de vida tradicionais quando sustentáveis, proteção do meio ambiente, geração de trabalho e renda, envolvimento dos jovens, relações entre gerações e a visibilidade ao protagonismo feminino.

Entre as quarenta comunidades articuladas no território pelo Fórum de Comunidades Tradicionais, 17 trabalham com Turismo de Base Comunitária e estão articuladas na Rede

Costurando a Rede
Fortalecimento da Rede de
TBC do Fórum de
Comunidades Tradicionais –
FCT
Paraty
Novembro - 2017

Rede de Turismo de Base Comunitária
Central de Comercialização

"Criar uma Central de comercialização de produtos e serviços articulada ao FCT"

Foi esse o **Desafio** que elaboramos coletivamente e que motivou esse novo encontro.

Em 2016 a realização de *Partilhas em Turismo de Base Comunitária* facilitou o encontro entre diversas iniciativas de comunidades articuladas pelo Fórum de Comunidades Tradicionais – FCT, estimulando e ampliando o debate sobre o conceito do TBC, promovendo a articulação da rede com participação de mais de 17 comunidades. A Partilha é uma Tecnologia Social inspirada na metodologia Campesino a Campesino, cuja base é estabelecer o compartilhamento de conhecimentos direto entre comunitários.

Com o trabalho da INCUBADORA do Projeto Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina, implementado pelo FCT e FIOCRUZ, foi possível reunir um grupo de lideranças, gestores de empreendimentos, técnicos e técnicas exclusivamente para pensar os DESAFIOS do Turismo de Base Comunitária, especialmente aqueles ligados a comunicação e comercialização.

A ideia da Central de comercialização de produtos e serviços articulada ao FCT nos permitiu conquistar um prêmio no DESAFIO BIG e aprovar um projeto justamente para levar essa ideia a frente. Aprofundar conceitos, discutir e fazer acordos sobre princípios, criar sistemas participativos para dar garantia e construir mecanismos coletivos de comercialização.

Nosso objetivo é fortalecer o Turismo de Base Comunitária como instrumento para geração de renda com respeito, valorização da cultura, dos saberes tradicionais e dos *grãos*, bem como ao meio ambiente. Consolidando estratégias que garantam a transparência, espaços de diálogo e a permanente busca por direitos. Direitos Humanos, territoriais, econômicos, sociais, culturais e ambientais.

A notícia é ótima, mas claro que nossos sonhos vão muito além do que o prêmio nos permite concretizar. Ou seja, mãos a obra

O nome da proposta vencedora é **Turismo de Base Comunitária – TBC Gerando renda com a cultura e proteção ambiental** e dentro dos critérios do Desafio BIG ela se enquadra na categoria **empreendimento** e se relaciona com o alvo "conter a tendência de redução da biodiversidade no ecossistema marinho da BIG".

Seu objetivo é implementar um protótipo da Central de Operações, empreendimento responsável pela comercialização de roteiros e produção cultural de ativos relacionados a Rede de Turismo de Base comunitária da Costa Verde, articulada a partir do FCT. Abaixo apresentamos os argumentos que nos permitiram ganhar o prêmio e também as exigências que nos foram apresentadas para sua aprovação.



Realização: Coletivo da Central

Financiamento:

Relatório de Projeto
DESAFIO BIG
INEA/FAO
Baía da Ilha Grande
Agosto 2017

 <p>PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA – TBC GERANDO RENDA COM A CULTURA E PROTEÇÃO AMBIENTAL.</p> <p>PRODUTO 1 – PLANO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA - Minuta para Aprovação –</p> <p>Plano de desenvolvimento, contendo informações referentes aos objetivos, metas e estratégia, assim como o planejamento das atividades e do uso dos recursos de conservação para os meses de julho/2017 até novembro/2017.</p> <p>Angus dos Reis, Julho / 2017</p> <p>Convênio nº 000/0000 Desenvolvido por Augusto Marcos de Oliveira Santiago</p>	<p>Relatório de Projeto DESAFIO BIG INEA/FAO PLANO DE IMPLEMENTAÇÃO Baia da Ilha Grande Julho 2017</p>
--	--

 <p>PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA – TBC GERANDO RENDA COM A CULTURA E PROTEÇÃO AMBIENTAL.</p> <p>PRODUTO 3 – Produto Final Desafio BIG - Minuta para Aprovação –</p> <p>Produto Final da Etapa 4, contendo informações referentes às atividades realizadas até jan/2018.</p> <p>Paraty Janeiro / 2018</p> <p>Desenvolvido por Augusto Santiago</p>	<p>Relatório de Projeto DESAFIO BIG INEA/FAO Relatório Final PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO TBC Baia da Ilha Grande Janeiro 2018</p>
---	--

<p style="text-align: center;">TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA</p> <p style="text-align: center;">FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS <small>TRADIÇÃO • INOVAÇÃO • SUSTENTABILIDADE</small></p> <p style="text-align: center;">Gerando renda com a cultura e proteção ambiental</p>		<p style="text-align: center;">Relatório de Projeto DESAFIO BIG INEA/FAO Lições Aprendidas Janeiro 2018</p>
<p style="text-align: center;"> FUNDO SOCIAL</p> <p style="text-align: center;">Roteiro de Informações para Consulta Prévia</p> <p style="text-align: center;">ARRANJO PRODUTIVO DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DO QUILOMBO DO CAMPINHO</p> <p style="text-align: center;">Maio de 2015</p> <hr style="width: 30%; margin: 20px auto;"/> <p style="text-align: left; font-size: small;">Setembro - 2007</p>		<p style="text-align: center;">Proposta de Projeto Fundo Social do BNDES. Paraty Maio 2017</p>



OBSERVATÓRIO
DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E
SAUDÁVEIS DA BOCAINA



Fundação Oswaldo Cruz

Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis:

Incubadora de Tecnologias Sociais

Meta (Conforme tabela do TC11): Implementar uma Incubadora de Tecnologias Sociais para apoiar os projetos de desenvolvimento de produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social-ambiental do território.

Etapa:

Produto: 01 Projeto

Contrato 33/2014

Data ou período: janeiro a abril de 2016

Av. Brasil, 4708, SULA 18, Pavilhão Multicêntrico - Maracanã, CEP 21045-900, Rio de Janeiro, RJ - Brasil
CNPJ nº 11.3845-18/28 / 3385-4384 - Fone: 2500-9539 - www.fiocruz.br

1

Relatório de Atividades de
Bolsista
FIOCRUZ
Relatório Incubadora de TBC
Paraty
Abril 2016

Fundação Oswaldo Cruz

Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis:

Incubadora de Tecnologias Sociais

Meta (Conforme tabela do TC11): Implementar uma Incubadora de Tecnologias Sociais para apoiar os projetos de desenvolvimento de produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social-ambiental do território.

Etapa:

Produto: Relatório parcial sobre o processo de elaboração do Projeto de Incubadora de Tecnologias Sociais.
Relatório parcial sobre a incubação de projetos



Contrato 33/2014

Data ou período: Abril a setembro de 2016

1

Relatório de Atividades de
Bolsista
FIOCRUZ
Relatório Incubadora de TBC
Paraty
Setembro 2016



OBSERVATÓRIO
DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E
SAUDÁVEIS DA BOCAÍNA



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde

Fundação Oswaldo Cruz

**Observatório de Territórios
Saudáveis e Sustentáveis:**

**Oficina: Incubadora de Tecnologias
Sociais do OTSS**

Fortalecendo a Produção comunitária.

Meta 5: Ampliar a articulação em rede identificando competências multicêntricas, realizando intercâmbio de experiências e participando de redes voltadas para a promoção de territórios sustentáveis e saudáveis

Etapa: 5.3 Promoção de espaços de intercâmbio de experiências em desenvolvimento sustentável – 60 Oficinas

Relatório de Projeto
TC 11
FIOCRUZ/FUNASA
Relatório Oficina Incubadora
Paraty
Abril 2016

8.2. Anexo 02 – Ferramentas Visuais de Planejamento



Figura 12 - Diagrama SWOT



Figura 13 - Matriz de Planejamento

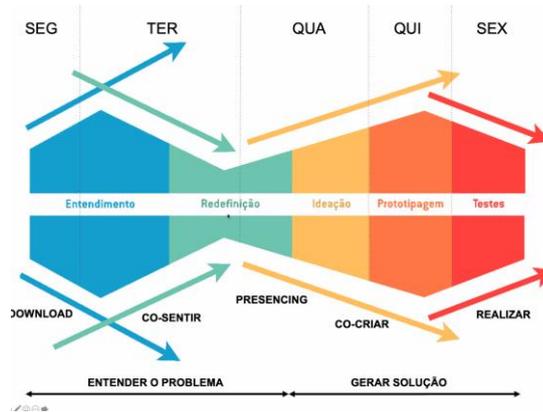


Figura 14 - Design Thinking



Figura 15 - Regras para Chuva de Ideias